



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA AMBIENTAL
GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA AMBIENTAL E SANITÁRIA

**PRÁTICAS COTIDIANAS DAS MULHERES INDÍGENAS XAKRIABÁ E SUA
ATUAÇÃO NA PROTEÇÃO DO CERRADO**

Júlia Íris Silva de Faria

Belo Horizonte

2022

Júlia Íris Silva de Faria

**PRÁTICAS COTIDIANAS DAS MULHERES INDÍGENAS XAKRIABÁO E
SUA ATUAÇÃO NA PROTEÇÃO DO CERRADO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Engenheiro Ambiental e Sanitarista

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães

Coorientadora: Ma. Hellen Cordeiro Alves Marquezini

Belo Horizonte

2022

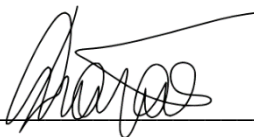
Júlia Íris Silva de Faria

**PRÁTICAS COTIDIANAS DAS MULHERES INDÍGENAS XAKRIABÁO E SUA
ATUAÇÃO NA PROTEÇÃO DO CERRADO**

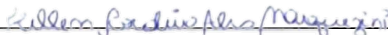
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Engenheiro Ambiental e Sanitarista.

Aprovado em 08 de julho de 2022.

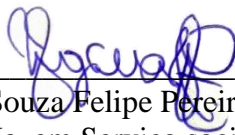
Banca examinadora:



Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães – Presidente da Banca Examinadora
Prof.^a. Dra. – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Orientadora



Hellen Cordeiro Alves Marquezini
Ma. em Administração



Gilza Ferreira de Souza Felipe Pereira (Gilza Kaingang)
Ma. em Serviço social.



Clayton Ângelo Silva Costa
Prof. Dr. – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais



Emitido em 18/07/2022

AVALIAÇÃO ACADÊMICA Nº 6/2022 - DGEO (11.55.13)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 18/07/2022 09:16)

CLAYTON ANGELO SILVA COSTA

PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO

DGEO (11.55.13)

Matricula: 2766130

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sig.cefetmg.br/documentos/> informando seu número:
6, ano: 2022, tipo: AVALIAÇÃO ACADÊMICA, data de emissão: 18/07/2022 e o código de verificação:
1ec85c9105

AGRADECIMENTOS

Agradeço a bênção e privilégio de ser uma mulher que, desde sempre, foi amada, respeitada e conduzida pelas melhores pessoas do mundo. Eu não chegaria a lugar algum, se não fosse a luta dos que me antecederam, o suporte da minha família, o alento dos que caminharam comigo e os(as) mestres que me ensinaram tudo o que sei.

Ao povo Xakriabá, por toda contribuição para a preservação do nosso importante bem, o Cerrado.

Às mulheres Xakriabá por toda generosidade e acolhimento enquanto estive na Terra Indígena Xakriabá. Em especial, agradeço às mulheres que participaram diretamente da pesquisa e foram fundamentais para meu trabalho.

À cada um dos docentes do CEFET-MG que contribuíram para minha formação. Em especial, à minha incrível orientadora, Ludmila, que foi para mim orientadora, professora, mãe e amiga. Lud, eu nunca vou cansar de agradecer por tudo o que você fez e faz por mim. Obrigada por tornar minha trajetória acadêmica mais leve e por me incentivar a ser autêntica.

À minha coorientadora, Hellen, por me acolher, pela paciência, cuidado e empatia que teve comigo neste período. Hellen, você é uma inspiração para mim e tenho toda admiração do mundo por você.

Aos meus pais, seres generosos e amorosos que me criaram e me incentivaram em todas as minhas escolhas. Vocês são minha motivação e inspiração. Ao meu pai, Wiliam Cezar, agradeço especialmente por me guiar em cada passo que dei até hoje. À minha mãe, Juliana Cristina, agradeço por me ensinar sobre doçura e leveza, mesmo nos momentos mais difíceis.

À minha avó, meu exemplo de mulher, Maria José (*in memoriam*), por ter me criado e me ensinado o valor das coisas, mesmo após partir. Vó, obrigada por cada mimo, por cada cafuné e por todo suporte que fez meu caminho ser mais leve, mais fácil e ter mais sentido.

À minha avó, Terezinha, que também contribuiu pra minha criação. Às minhas tias Cristiane, Cláudia, Fabiana e Luciana por todo carinho dedicado a mim, por me incentivarem, me entenderem e terem tornado minha caminhada mais fácil.

Aos meus avós José Francisco de Faria e José Joaquim da Silva que aqui não mais estão, mas cuja memória me lembra de onde eu vim e o significado de estar onde estou.

Aos meus primos, e em especial, à Rachel que me ajudou nos momentos mais complicados da minha trajetória e trouxe ao mundo meus afilhados Agatha, Davi e Laura aos quais agradeço por serem luz no caminho e me darem motivação para seguir a caminhada.

Ao meu grande amigo Daniel, pelas horas que passou me ajudando a revisar trabalhos, por me fazer companhia, me apoiar e dar suporte emocional. E à Valéria, Vitor, Rafaela, Letícia, Rafael e Gabriel meu agradecimento por serem para mim inspiração, suporte e lar.

Às amigas que fiz nos corredores do CEFET-MG por terem me ensinado muito além do que se aprende em sala de aula. Luciana, Giulia, Ingrid, Bruna, Rafaella, Kênia, Gabriella, Raylene, Leonora, Ana, Brenda e Lívia, vocês me inspiram a ser uma mulher melhor a cada dia.

Aos muitos amigos PETianos e Horizontinos com quem tive oportunidade de conviver e crescer imensamente a partir das trocas que fizemos. Por fim, agradeço a cada um dos meus colegas de curso que passaram pela minha história acadêmica e, de alguma forma, me ensinaram algo.

RESUMO

DE FARIA, Júlia Íris Silva. **Práticas Cotidianas das Mulheres Indígenas Xakriabá e Sua Atuação na Proteção do Cerrado**. 2022. 90. Monografia (Graduação em Engenharia Ambiental e Sanitária) – Departamento de Ciência e Tecnologia Ambiental, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

O Cerrado possui a mais rica flora dentre as savanas do mundo, sendo muitas de suas espécies endêmicas. Além disso é nele onde nascem importantes rios do Brasil, os quais abastecem boa parte do nosso país. Esses são fatores que fazem com que o Cerrado seja um importante elemento para a manutenção do equilíbrio da vida no planeta. Cerca de 46 milhões de habitantes vivem no Cerrado brasileiro, incluindo povos tradicionais do Cerrado – indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais não indígenas. Dentre esses povos, estão os indígenas Xakriabá, cujo território está situado no município de São João das Missões, na região norte de Minas Gerais. As mulheres Xakriabá desempenham um papel importante na guarda de saberes culturais e técnicos de seu povo, incluindo práticas relacionados à agroecologia. Estes saberes e práticas repassados pelas indígenas são responsáveis não só pela manutenção da cultura Xakriabá, mas também por promover atitudes conscientes que contribuem para preservação de seu território e, portanto, do Cerrado. Assim, objetivou-se compreender como as mulheres indígenas Xakriabá atuam na proteção do Cerrado por meio de suas práticas cotidianas. Para isso, recorreu-se a autores indígenas e não-indígenas para trazer uma fundamentação teórica que abordasse os impactos causados pela não conservação do Cerrado, uma breve contextualização sobre o povo Xakriabá e a importância das mulheres da comunidade Xakriabá para a proteção dos costumes indígenas e para o Cerrado. Também foi importante discorrer sobre conceitos que permeiam a pesquisa, tal como: Impacto Ambiental, Desenvolvimento Sustentável e Agroecologia Feminista. A pesquisa foi desenvolvida em três momentos: o primeiro em que foi feita a revisão bibliográfica, o segundo em que se realizou a coleta de dados e visita de campo e o terceiro onde realizou-se a análise dos dados coletados. A abordagem metodológica adotada pesquisa é descritiva qualitativa e a coleta de dados foi realizada por entrevistas semiestruturadas, diário de campo e uso de imagens. Tivemos como sujeito de pesquisa 03 (três) mulheres e 01 (um) homem residentes na Terra Indígena Xakriabá, na aldeia Riacho dos Buritis. Para a análise dos dados, utilizou-se o método de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2016) o qual é dividido em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação. A partir dos resultados obtidos por meio da

interpretação das entrevistas e da observação participante realizada em campo, compreendemos que as indígenas Xakriabá atuam para a proteção do Cerrado por meio de práticas agroecológicas feministas desenvolvidas em atividades da Associação Indígena, bem como por práticas cotidianas de conscientização de jovens e adultos quanto à importância do Cerrado. As práticas desenvolvidas pelas mulheres transmitem e reforçam os costumes do povo Xakriabá com relação ao cuidado com o Cerrado e o impacto dessas ações ressoa em todo o país. Portanto, é indispensável pensar em políticas públicas que apoiem as atividades desenvolvidas pelos povos indígenas as quais contribuem para toda a sociedade, uma vez que desempenham um papel essencial para a manutenção dos recursos naturais brasileiros.

PALAVRAS CHAVES: Práticas Indígenas. Proteção do Cerrado. Mulheres Indígenas. Xakriabá. Agroecologia Feminista. Desenvolvimento Sustentável. Impacto Ambiental. Preservação Ambiental.

ABSTRACT

DE FARIA, Júlia Íris Silva. **Daily Practices of Xakriabá Indigenous Women and Their Role in Protecting the Cerrado**. 2022. 90. Undergraduate thesis (Environmental and Sanitary Engineering) - Department of Environmental Science and Technology, Federal Center of Technological Education of Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

The Cerrado has the richest flora among the savannas in the world, and many of its species are endemic. In addition, it is where begins important rivers of Brazil, which supply a good part of the country. These are factors that make the Cerrado an important element for maintaining the balance of life on the planet. About 46 million people live in the Brazilian Cerrado, including traditional peoples of the Cerrado – indigenous, quilombolas and non-indigenous traditional communities. Among these peoples, there are the Xakriabá indigenous, whose territory is in São João das Missões, in the northern of Minas Gerais. Xakriabá women play an important role in guarding their people's cultural and technical knowledge, including practices related to agroecology. These knowledge and practices passed on by the indigenous people are responsible not only for maintaining the Xakriabá culture, but also for promoting conscious attitudes that contribute to the preservation of their territory and, therefore, of the Cerrado. The objective is to understand how Xakriabá indigenous women act in the protection of the Cerrado through their daily practices. For this, indigenous and non-indigenous authors were used to bring a theoretical foundation that addressed the impacts caused by the non-conservation of the Cerrado, a brief contextualization about the Xakriabá people and the importance of women from the Xakriabá community for the protection of indigenous customs. and of the Cerrado. It was also important to discuss concepts that permeate the research, such as: Environmental Impact, Sustainable Development and Feminist Agroecology. The research was developed in three moments: the first one in which the bibliographic review was carried out, in the second, the data collection and field visit were carried out and on the third moment, the collected data was submitted to analysis. The methodological approach adopted in the research is qualitative descriptive and data collection was carried out through semi-structured interviews, field diary and use of images. We had as research subject 03 (three) women and 01 (one) man residing in the Xakriabá Indigenous Land, in the Riacho dos Buritis indigenous village. For data analysis, the Content Analysis method proposed by Bardin (2016) was used, which is divided into three

stages: pre-analysis, material exploration and treatment of results and interpretation. From the results obtained through the interpretation of the interviews and the participant observation carried out in the field, we understand that the Xakriabá indigenous people work to protect the Cerrado through feminist agroecological practices developed in activities of the Indigenous Association, as well as through daily practices of awareness young people and adults about the importance of the Cerrado. The practices developed by the women transmit and reinforce the customs of the Xakriabá people regarding care for the Cerrado, and the impact of these actions resonates throughout the country. Therefore, it is essential to think about public policies that support the activities developed by indigenous peoples, which contribute to the whole of society, since they play an essential role in the maintenance of Brazilian natural resources.

KEYWORDS: Indigenous Practices. Cerrado protection. Indigenous Women. Xakriabá. Feminist Agroecology. Sustainable development. Environmental impact. Environmental Preservation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	OBJETIVOS	19
2.1	Objetivo Geral	19
2.2	Objetivos Específicos	19
3	REVISÃO DA LITERATURA	20
3.1	Uso e Ocupação do Cerrado	20
3.1.1	<i>Impactos Causados na Biodiversidade do Cerrado</i>	<i>23</i>
3.1.2	<i>Impactos Causados no Solo.....</i>	<i>24</i>
3.1.3	<i>Impactos Causados nas Bacias Hidrográficas.....</i>	<i>25</i>
3.2	Territorialidade do Povo Indígena Xacriabá.....	26
3.3	As Mulheres na Proteção do Território Xakriabá e Agroecologia Feminista ..	33
4	METODOLOGIA.....	38
4.1	Coleta de Relatos e Vivência de Campo	40
4.2	Análise dos Dados	43
4.2.1	<i>Pré-Análise</i>	<i>44</i>
4.2.2	<i>Exploração do Material e Categorização</i>	<i>46</i>
4.2.3	<i>Tratamento dos Resultados e Interpretações</i>	<i>48</i>
5	TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ	49
6	DIÁRIO DE CAMPO.....	52
7	RESULTADOS E DISCUSSÕES	64
7.1	Importância da Preservação do Cerrado	64
7.2	Práticas Cotidianas de Proteção do Cerrado	66
7.3	Atividades Agroecológicas Feministas.....	72
8	CONCLUSÃO.....	77
9	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
10	ANEXOS	87
10.1	ANEXO I: ROTEIRO DE ENTREVISTA	87
10.2	ANEXO II: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ...	88
10.3	ANEXO III: ESQUEMA DE CATEGORIZAÇÃO.....	91

LISTA DE FIGURAS

Figura 3.1 – Número de espécies da flora e flora brasileiras ameaçadas de extinção, segundo os Biomas - Brasil (2008).....	23
Figura 3.2 – Localização da Terra Indígena Xakriabá (Minas Gerais).	27
Figura 3.3 – Mulheres Xakriabá triturando milho para preparo de prato tradicional Xakriabá.	34
Figura 4.1 – Estratégias de elaboração da pesquisa	40
Figura 4.2 – Recursos Utilizados no Processo Investigativo	41
Figura 4.3 – Etapas e Fases do Desenvolvimento da Análise de Conteúdo.....	44
Figura 4.4 – Sumário de Sujeitos Participantes da Pesquisa	45
Figura 4.5 – Categorias Iniciais.....	46
Figura 4.6 – Categorias Intermediárias	47
Figura 4.7 – Categorias Finais.....	48
Figura 5.1 – Terra Indígena Xakriabá em processo de Demarcação.....	50
Figura 6.1 – Primeiro Registro da Terra Indígena Xakriabá.....	54
Figura 6.2 – Quintal de Marinete Xakriabá.....	55
Figura 6.3 – Área de Degradação Ambiental no Interior da TIX.....	57
Figura 6.4 – Leito de Rio Seco no Interior da Terra Indígena.	58
Figura 6.5 – Palmeira de Buriti.	59
Figura 6.6 – Viveiro de mudas concebido pelo projeto da AIXARBA.	60
Figura 6.7 – Casa de Polpas - Aldeia Pindaíbas.....	61
Figura 6.8 – Confecção de colares por alunos e professoras da escola indígena	62

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

AIXARBA – Associação Indígena Xacriabá Aldeia Riacho Dos Buritis E Adjacências

ATL – Acampamento Terra Livre

CONAMA – Conselho Nacional de Meio Ambiente

EEI – Educação Escolar Indígena

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES – Instituições de Ensino Superior

Inesc – Instituto de Estudos Socioeconômicos

INA – Indigenistas Associados

IUCN – International Union for Conservation Nature

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

PNMA – Política Nacional do Meio Ambiente

PNEEI – Plano Nacional de Educação Escolar Indígena

TIX – Terra Indígena Xakriabá

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PREÂMBULO

Para que o leitor entenda a ótica utilizada para se construir o presente trabalho, faz-se necessário que eu compartilhe também um pouco de mim e das vivências que moldaram quem sou e a forma como percebo o mundo. Portanto, tiro aqui o véu da formalidade acadêmica para dividir com você, caro leitor, um pouco da minha história de vida.

Eu costumo dizer que o curso de engenharia ambiental e sanitária me escolheu e não o contrário. Quando estava considerando o que fazer na graduação, fui levada a refletir sobre tudo o que havia aprendido até então para descobrir com o que eu mais me encaixava. Foi então que meu pai sugeriu: "Porque não ambiental?" e foi como se uma luz tivesse acendido na minha cabeça.

A partir disso, me recordei que, na infância, eu fazia campanhas para ajudar a Mata Atlântica. Como toda criança, eu passava horas bolando planos de como salvar o mundo. Tinha convicção de que um caminho possível era conscientizar o meu bairro sobre a importância de salvar a Mata Atlântica. Investi em fazer um pôster para divulgar o projeto da Fundação SOS Mata Atlântica sobre como fazer xixi no banho poderia ajudar a salvar um bioma.

Lembrei também que meu jogo favorito da era "Salve o Mico" – onde o personagem viaja todo o país buscando pistas de como salvar o Mico Leão Dourado. A possibilidade de fazer Engenharia Ambiental me conectava, portanto, com meus sonhos mais sinceros da infância: mudar o mundo e, quem sabe, salvá-lo.

Ao entrar na graduação no CEFET-MG eu não fazia ideia de o que esperar, eu era a primeira pessoa da minha família a ingressar numa Instituição de Ensino Superior Federal. Embora meus pais sempre tivessem se preocupado com minha educação e me preparado para este momento, a ideia de "fazer uma faculdade" era ainda abstrata para mim. Costumo dizer, que só fui me inteirar do que é a graduação, 4 semestres depois que entrei no CEFET, quando fui aprovada no processo seletivo do Programa de Educação Tutorial (PET).

Embora existisse um PET vinculado ao curso de engenharia ambiental e sanitária, meus caminhos me levaram ao PET do curso de Administração (PET-ADM). Em momento nenhum me questioneei sobre os rumos que a vida acadêmica estava tomando até ali, eu era só alguém tentando me encontrar no que eu fazia. Ao fazer parte da equipe do PET-ADM fui convidada a me debruçar sobre temas que não estava acostumada na engenharia ambiental.

À época, as pesquisas desenvolvidas no PET-ADM estavam relacionadas com os impactos gerados pelo rompimento da barragem de Mariana. Mais especificamente, os alunos estavam estudando sobre como os Indígenas Krenak foram afetados pelo crime cometido pela Samarco. Aquilo me impressionou! Eu não conseguia entender como administração e engenharia ambiental e sanitária poderiam se cruzar, mas ali estava.

Comecei então a me envolver com a dinâmica da equipe do PET-ADM e aprofundar laços que seriam essenciais para toda minha história de vida a partir dali. Me conectei com colegas de curso que se tornaram grandes amigas, as quais cito nos agradecimentos desta monografia. Outra conexão essencial para minha trajetória foi com minha orientadora, Lud, que foi minha tutora no PET-ADM.

Com minhas amigas e com a orientação da Lud passei muito tempo refletindo e discutindo sobre o que é ser mulher, sobre as dificuldades que as mulheres enfrentam diariamente e sobre nosso papel na sociedade. Ao longo da minha trajetória no PET – que durou 2 anos – pude desenvolver diversos trabalhos, orientados pela Lud. Sempre que ela chegava com uma ideia nova, meus olhos brilhavam! A pesquisa na qual mais me aprofundei neste período foi sobre a história de vida de mulheres em situação de cárcere.

Se você que está lendo é da área de ambiental, deve estar se perguntando: o que isso tem a ver com engenharia ambiental? Até aqui eu também achava que realmente não tinha, mas eu estava tendo a oportunidade de aprender com uma das mulheres mais inspiradoras que já conheci, eu só me preocupava com o que eu aprenderia com ela. Mas, você bem deve saber, conhecimento nenhum se desperdiça e essa convicção eu tinha.

Ao estudar sobre mulheres em situação de cárcere, fui exposta à realidade de diversas mulheres que, embora condenadas judicialmente, eram vítimas da sociedade cruel em que vivemos. A partir daqui fui convidada a refletir sobre temas como vulnerabilidade social e igualdade (ou desigualdade) de gênero. Ao regular a minha ótica e me despir dos meus privilégios, pude ver que a linha que me separava das mulheres que eu estudava era muito tênue.

A partir desse estudo, da orientação da Lud e da troca de experiências com minhas amigas PETianas (como nos chamamos quando participamos do PET), fui entendendo por que os temas estudados no PET-ADM me tocavam. A injustiça social cometida para com nossos objetos de estudo me entristecia profundamente.

Eu percebi minha empatia por cada um dos casos que estudávamos, fossem os indígenas que perderam suas casas devido à ganância de uma mineradora, fossem mulheres condenadas por reagirem a um sistema que as violentava. Os trabalhos científicos que produzíamos no PET-ADM eram uma forma de nos manifestarmos diante do que nos desagradava. A cada publicação que fazíamos era uma vitória. Entendi ali que a Academia pode ser um espaço para fazer ressoar a voz de quem precisa e merece ser ouvido e essa foi a motivação para eu escolher uma pesquisa tal qual esta que lhe apresento agora.

Esta monografia é, portanto, uma junção das várias partes de mim que coexistiram desde o momento da minha escolha pelo curso de engenharia ambiental. Embora não esteja aqui falando sobre como salvar a Mata Atlântica, trago reflexões sobre um bioma tão importante quanto ela. O Cerrado está tão vulnerável quanto os povos indígenas que nele habitam – ambos estão à mercê das ganâncias do sistema produtivo e econômico atual.

Em toda minha trajetória tive mulheres importantes que cresceram comigo, que me mostraram o significado de ser mulher. Por isso, trago aqui uma forma de olhar digna e respeitosa para as mulheres indígenas, tal qual me foi ensinado por cada mulher que cruzou a minha história.

1 INTRODUÇÃO

O Cerrado possui a mais rica flora dentre as savanas do mundo. Das mais de 12 mil espécies de plantas nativas catalogadas, quase 35% são endêmicas (FORZZA *et al.*, 2012). Essa diversidade de habitats resulta também em uma multiplicidade de espécies da fauna, reafirmando a riqueza do bioma. Além disso, o Cerrado é considerado o berço das águas do Brasil, pois é nele onde nascem importantes rios, os quais abastecem boa parte do nosso país (PORTAL, 2021?).

Esses dados evidenciam a importância associada ao Cerrado, uma vez que a diversidade biológica e de serviços ecossistêmicos oferecidos por ele são extremamente importantes para a manutenção do equilíbrio da vida no planeta (AMARAL, 2021). Contudo, o bioma vem sendo fortemente atacado nas últimas décadas. Segundo o IBGE (2015), 57,2 % do Cerrado mineiro foi desmatado até o ano de 2010.

Lamentavelmente, o Cerrado encontra-se classificado como um dos *hotspots* brasileiros, o que significa que, embora rico em sua biodiversidade, encontra-se em ameaça de extinção devido a processos degradativos (WWF-BRASIL, 2019). Isso ocorre devido à utilização dos recursos do cerrado como matéria prima e meio de produção pelo ser humano que, ao explorar tais recursos o faz de maneira predatória e irresponsável.

Além disso, o bioma apresenta grande importância social, uma vez que muitas pessoas dependem de seus recursos para sobreviver (AMARAL, 2021). Cerca de 46 milhões de habitantes vivem na área coberta pelo Cerrado brasileiro. Nessa região, além da população que ocupa as áreas metropolitanas – onde está concentrada a maior parte dos indivíduos –, há também a presença dos povos tradicionais do Cerrado, grupos com diferentes referências culturais, quais sejam: indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais não-indígenas (PORTAL, 2021?).

A presença desses povos na região é essencial, pois eles buscam o Desenvolvimento Sustentável e atuam na proteção deste bioma. Entre esses povos estão os indígenas Xakriabá, cujo território está situado na região norte de Minas Gerais. Os Xakriabá possuem intensa relação com o território que ocupam e atuam na proteção do mesmo. Além disso, trabalham para perpetuação de seus costumes, seu modo de vida e sua cultura (CORREA XAKRIABÁ, 2018).

As lutas territoriais desse povo têm como objetivo a retomada de parte de suas terras (tomadas por agricultores) e do acesso ao Rio São Francisco. Nesse contexto, as mulheres Xakriabá têm

importante participação na guarda e difusão de saberes culturais e técnicos sendo essenciais para o movimento indígena (CORREA XAKRIABÁ, 2018). Dentre estes saberes estão as técnicas agroecológicas utilizadas pelos Xakriabá.

A agroecologia pode ser compreendida como o conjunto de técnicas, estudos e práticas utilizadas para a produção de alimentos de maneira ecologicamente sustentável, no campo (LEFF, 2002). Estes e demais saberes e práticas repassados pelas indígenas são responsáveis pela manutenção do estilo de vida Xakriabá, de sua subsistência e da proteção de seu território (CORREA XAKRIABÁ, 2018).

As Xakriabá trazem consigo ensinamentos que foram construídos ao longo de gerações, os quais são baseados na preocupação com os elementos naturais e com a manutenção do meio ambiente, a fim de que as gerações futuras possam se desenvolver de forma sadia e plena (CORREA XAKRIABÁ, 2018). Observa-se então, que o modo de vida Xakriabá é carregado de noções de Desenvolvimento Sustentável e, ao ser passado por gerações, promove atitudes conscientes que contribuem para a saúde de sua comunidade e de seu entorno.

Isso porque, esse povo realiza o movimento contrário ao da exploração predatória do solo e demais recursos naturais (adotado por grandes produtores), gerando um impacto positivo ao bioma em que estão inseridos. No presente trabalho, analisaremos, sobre a ótica da Agroecologia Feminista, as práticas cotidianas das mulheres Xakriabá utilizadas na proteção do Cerrado.

Diante do exposto, desenhamos a pergunta norteadora deste trabalho: Como as mulheres indígenas Xakriabá atuam na proteção do Cerrado por meio de suas práticas cotidianas? Essa questão nos convida a refletir e discutir a respeito da importância do Cerrado mineiro e da busca por minimizar os impactos ambientais causados pela exploração desgovernada. Entende-se que trazer questões como essa é um esforço em fazer ressoar a voz dos povos indígenas, historicamente invisibilizados, injustiçados e agredidos, e às mulheres Xakriabá que atuam, não apenas no processo de manutenção da subsistência de seu povo, mas também como protetoras de um importante bioma brasileiro.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender como as mulheres indígenas Xakriabá atuam na proteção do Cerrado por meio de suas práticas cotidianas.

2.2 Objetivos Específicos

A pesquisa possui os seguintes objetivos específicos:

- Discutir a importância de ações que visam a preservação do Cerrado e a manutenção de seus recursos naturais;
- Compreender as práticas cotidianas das mulheres Xakriabá para proteção do Cerrado;
- Avaliar como as atividades desenvolvidas pelas mulheres Xakriabá em seu território se aproximam do conceito de agroecologia feminista.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo foi dividido em três seções, onde a primeira trata da importância do Cerrado brasileiro para a manutenção dos ecossistemas e para a economia brasileira, evidenciando a urgente necessidade de se discutir medidas de proteção do bioma. A segunda seção apresenta o povo Xakriabá e sua relação com seu território, que está inserido no contexto do Cerrado, e com o Rio São Francisco. A terceira seção discorre sobre a atuação das mulheres Xakriabá, suas práticas cotidianas e como elas atuam na proteção de seu território, de suas tradições e na manutenção do Cerrado.

3.1 Uso e Ocupação do Cerrado

O Cerrado é o segundo maior bioma do Brasil e cobre uma área de 2 milhões de m², o que representa 21% do território nacional (KLINK; MACHADO, 2005). Este bioma é constituído por um mosaico de formações vegetais, indo desde formações abertas do Brasil Central a formações florestais (BENITES; MAMEDE, 2008). Ele representa o conjunto de ecossistemas que ocorrem na região central do Brasil e abriga cerca de 30% dos seres vivos do país e é a savana tropical mais rica do mundo - contendo cerca de 5% da diversidade do planeta (PORTAL, 2021?).

Assim, podemos dizer que o cerrado é um bioma rico em biodiversidade, ou seja, possui grande variedade de formas de vida em todos os níveis: desde microrganismos até flora e fauna silvestres. É essencial entender esta variedade de seres vivos não em um contexto individual, mas sim como um conjunto estrutural e funcional, isto é, no conceito de ecossistema. Portanto, há que se considerar a complexa interação onde os seres vivos dispõem de componentes abióticos - entidades não vivas - que dão suporte às diversas espécies (ALHO, 2012).

As “funções do ecossistema” são as interações físicas, químicas e biológicas próprias de cada ecossistema e são processos que ocorrem naturalmente no meio ambiente. Quando incluímos o ser humano na dinâmica dos ecossistemas, destaca-se a visão do ser humano enquanto espécie biológica que depende dos recursos naturais (da água, do ar, dos nutrientes e fármacos das plantas, por exemplo) para sua sobrevivência. Os ecossistemas têm capacidade para prover bens e serviços para os seres humanos. Para denotar a satisfação das necessidades humanas, por meio da utilização de elementos dos ecossistemas, utiliza-se o termo “serviços do ecossistema” (ALHO, 2012).

Contudo, enquanto as modificações causadas pelos outros seres são, em geral, auto-reguladas nos ecossistemas, a ação humana possui um enorme potencial desequilibrador, podendo ameaçar a permanência dos sistemas naturais. Ao longo de sua evolução, o ser humano se relaciona de diferentes formas com a natureza, a depender dos valores e objetivos das sociedades de cada época. Devido à sua capacidade de raciocínio e ao fato de o homem extrair da natureza não só o necessário para sobreviver, mas também para satisfazer necessidades sociais, o ser humano gera impactos mais intensos na natureza do que outros animais (DE ALBUQUERQUE, 2007).

É indispensável destacar também a importância do Cerrado para o abastecimento das bacias hidrográficas do país. O bioma está localizado em regiões de elevadas altitudes, na porção central do Brasil e por isso possui um papel crucial para a distribuição dos recursos hídricos. É nessa região em que nascem alguns dos rios mais importantes do país: das doze regiões hidrográficas brasileiras, oito possuem suas nascentes situadas no Cerrado. Dessa forma, quando falamos da preservação do referido bioma ou de uma parte dele, estamos tratando, na verdade de uma reação em cadeia que pode repercutir em todo o país (BANDEIRA; CAMPOS, 2018).

A definição de impacto ambiental, segundo a Resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), refere-se à forma como o meio ambiente é alterado pelo ser humano. A atividade desenvolvida pelo ser humano pode gerar efeito positivo ou negativo, afetando direta ou indiretamente “a saúde, a segurança e o bem-estar da população, as atividades sociais e econômicas, a biota, as condições estéticas e sanitárias ambientais e a qualidade dos recursos ambientais” (BRASIL, 1986). Para ampliar o entendimento sobre essa definição, torna-se necessário entender melhor a definição de meio ambiente.

Para este trabalho será considerada a conceituação instituída em 1981 pela Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), em seu art. 3º, que traz Meio Ambiente como “o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (BRASIL, 1981). Portanto, meio ambiente é um termo complexo, carregado de aspectos ligados não apenas às ciências da natureza, mas também às ciências sociais.

Além disso, deve-se considerar os aspectos legais que permeiam o termo em questão, uma vez que o Meio Ambiente é considerado, pela Constituição Federal em seu Art. 225, bem de uso

comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, sendo responsabilidade do poder público e da coletividade defendê-lo e preservá-lo (BRASIL, 1988). Portanto, um impacto ambiental, seja ele positivo ou negativo, diz respeito não apenas à atividade que o origina, mas também aos diversos elementos bióticos e abióticos que são afetados direta ou indiretamente por ele.

A partir da interferência humana por meio da expansão urbana e conversão da cobertura vegetal natural em pastos ou campos agrícolas há a alteração e destruição de ecossistemas naturais. Esse processo resulta na perda de biodiversidade, em mudanças climáticas e outras transformações no ambiente natural (ALHO, 2012). No cerrado, a intensificação do processo de ocupação de suas áreas ocorreu a partir das décadas de 1960 e 1970, com a política de modernização da agricultura, a vinculação do setor agrícola ao setor urbano-industrial e as políticas de integração nacional (SANTOS; MARTINS; FERREIRA, 2009).

Este período deu início ao intenso processo de degradação do referido bioma o qual ainda perdura. A área ocupada por atividades agropecuárias no Cerrado aumentou cerca de 13 % entre 1985 e 2020, o que representa o uso de mais de 26 milhões de hectares (MAPBIOMAS, 2021). A partir do desenvolvimento de atividades agropecuárias podem ocorrer diversos impactos ambientais, os quais se destacam: a supressão de vegetação local, o desaparecimento de espécies locais da fauna e da flora, a intensificação dos processos erosivos do solo, o aumento do aporte de sedimentos nas bacias hidrográficas, o assoreamento de drenagens, perda de nutrientes do solo e o conseqüente empobrecimento dos mesmos (SANTOS; MARTINS; FERREIRA, 2009).

Outra atividade que também provoca impactos no Cerrado é a mineração, que é responsável por uma série de alterações negativas na região onde é desenvolvida. Além das alterações ambientais - desmatamentos, queimadas, desencadeamento de processos erosivos, entre outros -, a mineração gera conflitos de uso do solo, depreciação imobiliária e transtornos no tráfego urbano. Há também a geração de inúmeros resíduos que podem ser prejudiciais tanto para o meio ambiente como para o ser humano, bem como há a formação de barragens de contenção, que podem gerar diversos impactos ambientais negativos, inclusive a poluição das águas (FERNANDES; PESSÔA, 2011).

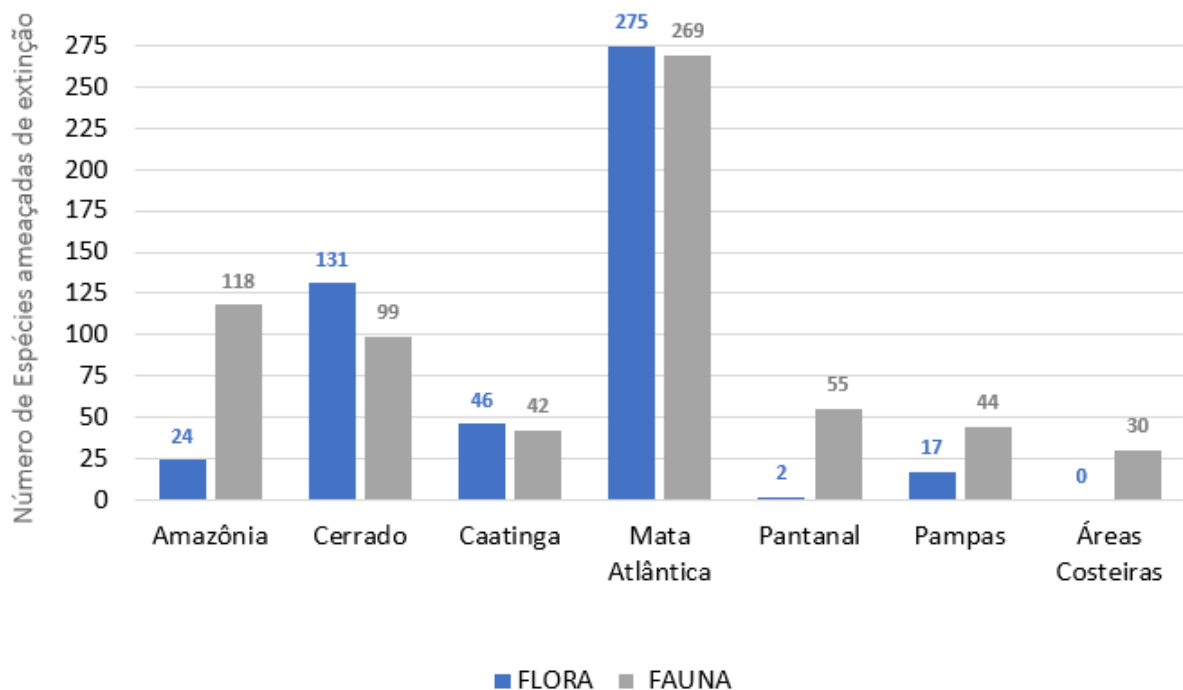
Apresentamos a seguir alguns dos impactos ambientais causados no Cerrado devido ao processo de urbanização e de ocupação das áreas do bioma para fins econômicos. A partir da exposição dos efeitos causados no meio ambiente, serão apresentadas as conseqüências destes impactos

para a manutenção da vida humana. Assim, evidencia-se o ser humano enquanto integrante da natureza onde ao mesmo tempo que gera impacto, sofre as consequências disto, sendo impactado por suas próprias ações, demonstrando a Terceira Lei de Newton: “A toda ação há sempre uma reação oposta e de igual intensidade: as ações mútuas de dois corpos um sobre o outro são sempre iguais e dirigidas em sentidos opostos”.

3.1.1 Impactos Causados na Biodiversidade do Cerrado

No que tange a supressão de vegetação local e o desaparecimento de espécies locais da fauna e da flora, os dados apresentados no Relatório de Indicadores de Desenvolvimento Sustentável demonstram e reafirmam a gravidade da situação. Em 2008 o Cerrado apresentava o segundo maior número de espécies da flora ameaçadas de extinção e o terceiro maior número de espécies da fauna ameaçadas de extinção entre os biomas brasileiros (Figura 3.1).

Figura 3.1 – Número de espécies da flora e fauna brasileiras ameaçadas de extinção, segundo os Biomas - Brasil (2008).



Fonte – Adaptado de IBGE (2015).

Diante do apresentado, é possível entender o porquê de o Cerrado ser considerado um *hotspot* mundial: embora muito biodiverso, o bioma está gravemente ameaçado de extinção. O principal problema associado à perda de uma espécie está associado à perda do patrimônio genético, o que pode afetar a dinâmica das relações entre os seres vivos que compõem a teia alimentar em que a espécie se insere (ANDREOLI *et al.*, 2021). Isto é um perigo não apenas para o equilíbrio

dos ecossistemas do planeta, os quais estão interligados, mas também para a manutenção da vida humana.

Um dos exemplos do impacto gerado pela perda da biodiversidade tem a ver com a produção de medicamentos e de alimentos que dependem da informação genética de espécies de micro-organismos, plantas e animais. Seja por meio da transferência de genes resistentes a doenças para espécies que servem de alimento para o ser humano, ou por meio da utilização de princípios ativos contidos na programação genética utilizados para a cura de enfermidades, além do uso técnico-científico e comercial da biodiversidade feito pela indústria farmacêutica (ALHO, 2012).

Outro impacto está relacionado com a mortandade de abelhas, as quais exercem um serviço ecossistêmico essencial à diversas espécies da fauna e da flora, sendo responsáveis por 70% da polinização das principais culturas produzidas no mundo. Além de polinizadoras, as abelhas têm papel de manter os sistemas naturais. Portanto, possuem um relevante papel para a sobrevivência humana e na economia brasileira, uma vez que contribuem diretamente para a agricultura – a qual possui expressiva participação no PIB do Brasil. Em contra-senso, a expansão das fronteiras agrícolas e a conversão de terras, antes cobertas por florestas, em solos produtivos provocam impactos negativos que contribuem para o desaparecimento das abelhas (ANDREOLI *et al.*, 2021).

3.1.2 *Impactos Causados no Solo*

A intensificação da apropriação dos territórios do Cerrado pelo ser humano, modificando o uso e ocupação do solo do bioma é responsável não só pela remoção de parte da vegetação nativa do Cerrado, como também pela degradação das propriedades físicas, químicas e biológicas do solo deste bioma. Ao remover a cobertura vegetal do solo ocorre a exposição do mesmo a processos erosivos que estão associados ao uso do solo, ao substrato geológico e ao tipo de solo, dentre outros fatores (DA SILVA SANTANA; ARAUJO, 2018). Os processos erosivos do solo ocorrem naturalmente, mas são intensificados pela ação do homem (RIBEIRO, 2019).

A erosão do solo é um processo de transporte de partículas do solo para outro local por meio de arraste - geralmente realizado pelo vento ou a água. Atividades humanas que envolvem o revolvimento do solo e a remoção da cobertura vegetal contribuem para o processo de arraste do solo e a desagregação do mesmo. Esse processo pode resultar em uma série de impactos, trazendo consequências econômicas e ambientais negativas. A ação de carreamento do solo

remove a camada mais superficial do mesmo, fazendo com que haja a perda de água e nutrientes (como Fósforo e Potássio), empobrecendo o solo (RIBEIRO, 2019).

Outro impacto do processo de erosão é a formação das Voçorocas, formações de grandes buracos de erosão causados pela chuva e intempéries em solos. A voçoroca torna o solo pobre, seco, quimicamente morto e não fecundo, dificultando a utilização econômica do solo, pois quase sempre é inviável a eliminação das voçorocas. Dependendo do local de formação da Voçoroca, ela pode representar um problema social, uma vez que pode representar perigo às pessoas que vivem em áreas próximas, com risco de deslizamentos de terras, o que pode gerar necessidade de desalojamento das pessoas em situação de risco (DA SILVA SANTANA; ARAUJO, 2018).

Em geral, dificilmente é possível recuperar rapidamente um processo erosivo após sua intensificação, podendo-se apenas realizar sua estabilização para evitar agravamento do problema (GOULART, 2006 *apud* DA SILVA SANTANA; ARAUJO, 2018). Muito embora o solo apresente alto grau de degradação, é possível sua regeneração, desde que sejam adotadas práticas de recuperação, manejo e conservação do solo e da água. Contudo, a melhor maneira de se conter uma voçoroca é adotar as medidas que previnam a sua formação. Para isso, é necessário que se opte por medidas de manejo do solo de forma que o uso esteja de acordo com sua aptidão ou capacidade (DA SILVA SANTANA; ARAUJO, 2018).

3.1.3 Impactos Causados nas Bacias Hidrográficas

O processo de erosão do solo, supracitado, pode acarretar graves problemas para as bacias hidrográficas de uma região, o que pode afetar a qualidade da água. A água é um fator abiótico essencial para a manutenção dos ecossistemas, e no Cerrado este é um tema particularmente importante pois o bioma abriga diversas nascentes e é considerado o berço das águas do Brasil. Suas nascentes alimentam 8 (oito) das 12 regiões hidrográficas do País, inclusive as bacias dos rios Araguaia/Tocantins, São Francisco e Paraná (PORTAL, 2021?). Desta forma, o impacto negativo gerado nas bacias hidrográficas do cerrado representa uma ameaça para o abastecimento de quase todo o Brasil.

A erosão do solo realizada por água da chuva resulta no carreamento de sólidos, partículas suspensas e outras substâncias na água. Geralmente o destino dessa água são cursos d'água, gerando o aumento do aporte de sedimentos, como também pode gerar o assoreamento e/ou eutrofização dos cursos hídricos. O processo de empobrecimento do solo ocorre pela perda de

nutrientes do solo para a água que chega nos cursos hídricos. O aumento de potássio nos rios estimula o crescimento e desenvolvimento de algas que podem diminuir a concentração de oxigênio na água, inviabilizando a vida de seres aeróbios (RIBEIRO, 2019).

Além disso, caso essa água com partículas de solo chegue a fontes de água potável, há o risco de contaminação, tornando-a imprópria para consumo (RIBEIRO, 2019). Outro efeito possível é o assoreamento do leito de rios, canais e as galerias de águas pluviais. Esse processo dificulta o livre escoamento das águas e facilita o processo das enchentes (DA SILVA SANTANA; ARAUJO, 2018). Em áreas urbanas isso pode representar elevados custos para manutenção e recuperação de áreas degradadas, além do impacto social gerado devido aos danos causados à vida da população afetada. Em áreas rurais, esse processo pode causar prejuízos aos produtores locais, bem como à comunidade em geral, que depende da produção para se alimentar.

Como apresentado, os impactos da destruição do Cerrado afetam não somente a fauna e flora locais, como também a vida de todos os indivíduos do planeta, pois as consequências desses impactos atingem diferentes patamares. Assim, os impactos no Cerrado representam muito mais que um problema de desmatamento, como pode-se pensar no primeiro olhar. Representa um impacto na economia Brasileira e, portanto, global - uma vez que nosso país é um importante fornecedor de commodities e demais produtos que originam do Cerrado.

Além dos pontos apresentados, o Cerrado é um importante bem para os indivíduos que encontram nele sua subsistência, em particular, a vida dos povos tradicionais do Cerrado, grupos com diferentes referências culturais, quais sejam: indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais não indígenas. Nesta pesquisa, daremos enfoque no papel realizado pelos povos indígenas Xacriabá que atuam na contramão do que foi até agora apresentado, uma vez que estes possuem laços espirituais com seu território e com os rios que nascem neste bioma e realizam práticas que resultam em impactos positivos para o Cerrado.

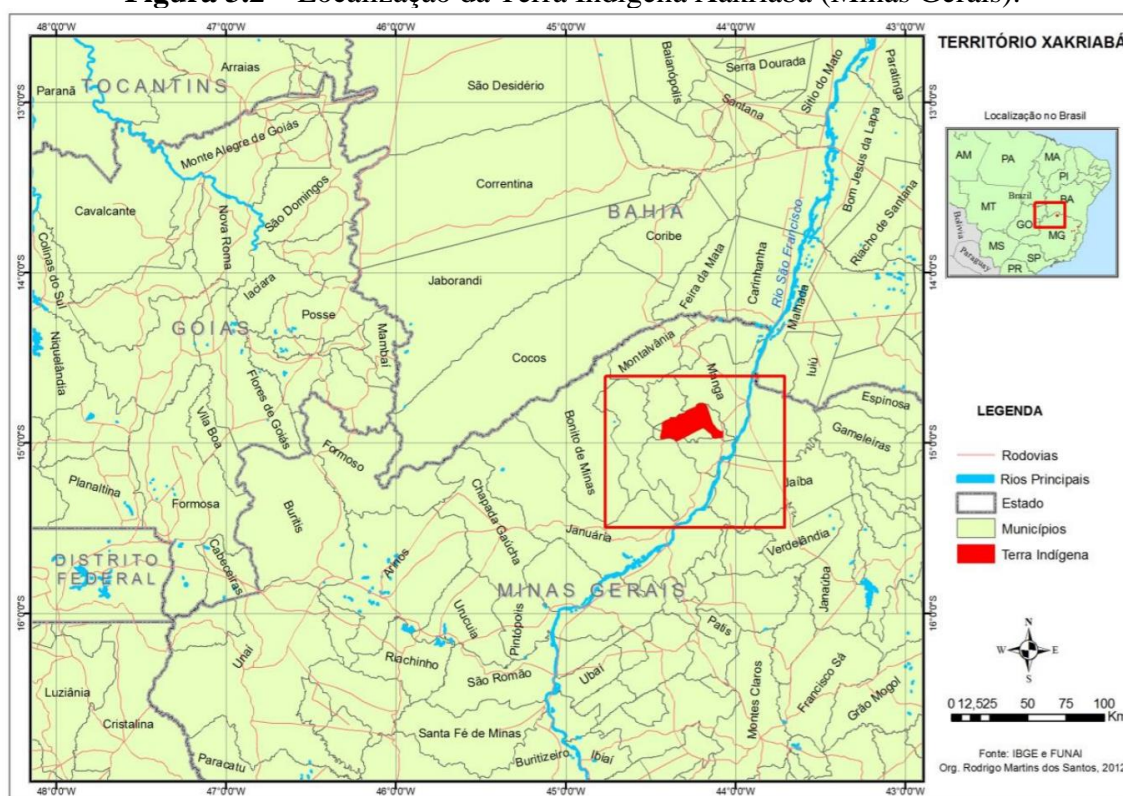
3.2 Territorialidade do Povo Indígena Xacriabá

Segundo o Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012), existem no Brasil 305 etnias indígenas, contabilizados com base nas pessoas que se declararam indígenas no quesito cor ou raça e nos residentes em Terras Indígenas. Desses povos, 63,8% viviam na área rural e 57,7% em Terras Indígenas oficialmente reconhecidas. Enquanto 84,4% da população nacional residia em

centros urbanos, apenas 36,2% dos indígenas viviam nestes. Isso evidencia o estreito vínculo que esses povos tradicionais possuem com o território. Cerca de 70 povos indígenas do Brasil habitam no bioma cerrado, dentre eles, o povo Xakriabá (CORREA XAKRIABÁ, 2018, p. 31).

A população Xakriabá é composta de cerca de 35 aldeias e possui cerca de onze mil indígenas. Foco de estudo do presente trabalho, os Xakriabá estão localizados no norte do estado de Minas Gerais, nas fronteiras dos municípios de Itacarambi, São João das Missões, Cônego Marinho e Miravânia (Figura 3.3). O território indígena tem aproximadamente 43.357 hectares. Segundo as memórias do povo Xakriabá, o município de São João das Missões era a antiga São João dos Índios (CORREA XAKRIABÁ, 2018).

Figura 3.2 – Localização da Terra Indígena Xakriabá (Minas Gerais).



Fonte – SANTOS, ELOY (2012).

Faz-se necessário diferenciar os conceitos de terra, território e territorialidade. O termo “terra” está vinculado à categoria de meio de produção e a um local onde se é possível ocupar e produzir. Já o termo “território” é mais complexo e engloba outros aspectos, além do produtivo, englobado pelo primeiro (GUEDES, 2016). Para entender como uma terra torna-se território, precisa-se entender o conceito de territorialidade que se trata da afirmação de identidade e autonomia sob um local específico – conforme será apresentado a seguir.

Little (2002) define a territorialidade como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico (LITTLE, 2002, p. 3). O modo como as pessoas utilizam a territorialidade está relacionado com a cultura, a tradição e a história de um povo, servindo como estratégia para, inclusive, manter o contexto e o significado de nossa forma de viver (SACK, 1986 *apud* COSTA, 2008). Assim, um território é um produto de processos sociais e políticos construídos ao longo da história de um grupo social por meio das condutas de territorialidade (LITTLE, 2002).

O conceito do termo território envolve diferentes interpretações que, segundo Haesbaert (2003), se agrupam em três vertentes básicas:

- a) Jurídico-política: a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes é visto como o poder político do Estado.
- b) Cultural(ista): prioriza a dimensão simbólico-cultural. mais subjetiva, em que o território é visto sobretudo como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo sobre o seu espaço;
- c) Econômica (muitas vezes economicista): bem menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho (HAESBAERT, 2003, p. 13).

Portanto, é possível entender o território não apenas como espaço de domínio ou de apropriação dos recursos naturais, mas também como símbolo para determinadas culturas (LIRA; ROSSETTO, 2020). Nas sociedades indígenas, segundo Ramos (1986), a noção de propriedade privada da terra não existe, pois a terra e seus recursos naturais sempre pertenceram às comunidades que os utilizam. Ao ocuparem um território, os povos tradicionais formam vínculos sociais, simbólicos e rituais com o ambiente físico e o simbolismo e a identificação com o território são mantidos na memória coletiva (RAMOS, 1986 *apud* DINIZ; MAGALHÃES; MONTE-MÓR, 2006).

Dessa forma, a relação que os Xakriabá têm com a terra não é de posse como bem material ou como meio de produção, mas sim uma relação ancestral do território como corpo e espírito. Os indígenas enfrentam algumas dificuldades quanto à recursos para subsistência no território, principalmente devido à seca que ocorre por longos períodos na região norte de Minas Gerais.

Apesar disso, os Xakriabá não têm necessidade ou vontade de habitar em outra região (CORREA XAKRIABÁ, 2018).

Existe, no entanto, a necessidade de que os indígenas precisem deixar seu território por algum período, seja para buscar trabalho ou para estudar. Contudo, a intenção dos Xakriabá é sempre retornar ao território e investir o que aprenderam para a melhoria de vida da comunidade Xacriabá. A relação com o território é de zelo, onde as terras tornam-se um elemento que deve ser cuidado e amado. Tamanha é a identificação com as terras em que estão inseridos, que o povo Xakriabá compara a própria história com as características de seu território.

Caracterizo a resistência do povo Xakriabá como a mesma resiliência do cerrado. O bioma cerrado, e toda sua biodiversidade, é conhecido por sua grande capacidade de resiliência [...] tem um poder de regeneração inexplicável [...] o cerrado é tão resiliente, porque o mesmo tamanho do seu comprimento é o de suas raízes. De maneira análoga, nós, o povo Xakriabá, somos reconhecidos por nossas raízes profundas (CORREA XAKRIABÁ, 2018, p. 31).

A comparação acima demonstra a forma como os indígenas diferenciam-se do restante da população, uma vez que conseguem sintonizar profundamente a comunidade e sua forma de viver com o local onde habitam. À medida que uma etnia indígena perde seu território ancestral, há o desenraizamento e o enfraquecimento das etnias e das identidades territoriais, por um processo denominado desterritorialização. Os territórios indígenas estão em constantes disputas e são ameaçados pelo avanço do capital, ou seja, pela exploração econômica dos espaços - provocando, ocasionalmente, a desterritorialização de diferentes povos indígenas (LIRA; ROSSETTO, 2020).

O território Xakriabá está às margens do rio Itacarambi onde há presença de maciços de calcário com cavernas em locais mais elevados. A vegetação predominante é típica do Cerrado, sendo comum a presença de árvores de pequi, aroeira e juá, por exemplo. A mata nativa normalmente é utilizada para caçadas e coleta de frutos para a subsistência dos indígenas (XAKRIABÁ, 2006). Vivendo em uma paisagem variante de transição de caatinga, o povo Xakriabá possui relação de profunda identificação com o ambiente em que vivem, bem como com seus elementos naturais.

Outrossim, a relação dos Xakriabá com o Rio São Francisco é de extrema importância para a cultura deste povo. O Rio São Francisco representa parte fundamental da referência espiritual

e do pertencimento étnico desse povo. No entanto, devido às invasões às terras indígenas que ocorrem desde a Colonização do Brasil, os Xakriabá estão sem acesso ao rio. Gerações de Xakriabá têm crescido sem uma parte importante das vivências passadas por seus ancestrais, durante suas idas ao rio. Por isso, esse povo busca a retomada não só de parte do seu território e do acesso ao São Francisco, mas também de parte da sua cultura que está ligada ao contato com o rio.

E quando lançam a perguntar a um jovem Xakriabá: você sabe nadar? E ele responde que não, pois não conhece o rio, sendo também questionado: como não sabe nadar? Você não é índio, você não é Xakriabá? Poderia lhes responder a tudo isso da seguinte forma: Não me afoguei no rio porque a ausência daquilo que não foi vivido no rio foi o que me afogou (CORREA XAKRIABÁ, 2018, p. 26).

Ao longo da história do Brasil houveram diversos processos de expansão de fronteiras em que um grupo social, com sua própria conduta territorial, chocava-se com as territorialidades dos grupos que residiam em determinado local. Neste processo, os grupos que têm seus espaços invadidos reagem a partir da defesa do território. Contudo, as pressões exercidas por outros grupos ou pelo governo da sociedade dominante moldam (e às vezes impõem) formas territoriais diferentes das iniciais. São mais de quinhentos anos de confrontos envolvendo povos tradicionais (indígenas, quilombolas e camponeses) e forças invasoras de portugueses, espanhóis, franceses, holandeses e, nos últimos dois séculos, brasileiras (LITTLE, 2002).

A partir da década de 1930, as terras dos povos tradicionais passaram por processos de invasão e disputa devido à expansão das fronteiras agrícolas e de investimentos em novas tecnologias industriais, além da promoção da rápida integração do mercado e do espaço econômico brasileiro (DINIZ; MAGALHÃES; MONTE-MÓR, 2006). Com a frequente pressão sobre as terras das populações de campo, houve a proliferação das lutas por território, em que os povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais reivindicam a demarcação coletiva ou o reconhecimento formal de certos espaços (GUEDES, 2016).

Guerra ecológica (ALMEIDA, 2008 *apud* GUEDES, 2016) é o termo utilizado por alguns autores e diz respeito às disputas por territórios, onde de um lado estão as comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas e camponeses) e do outro o agronegócio e suas estratégias para acumulação de capital. Os movimentos das comunidades tradicionais em busca de demarcação de territórios representam resistência aos interesses do agronegócio, além de serem uma forma de reconhecimento de identidades tradicionais (GUEDES, 2016).

Por estarem localizados na região semiárida, os Xakriabá têm necessidade de, constantemente, articular novas posturas de luta e resistência com enfoque na cultura, na reafirmação identitária de reconquistas e nas retomadas territoriais. Essa resistência visa não só a sobrevivência deste povo, mas também reduzir os impactos gerados por transformações sociais geradas pelo sistema econômico (CORREA XAKRIABÁ, 2018). Isso porque os padrões de consumo adotados pela sociedade são estimulados pela produção excessiva, responsável por gerar o aumento da exploração dos recursos naturais e conseqüente degradação do meio ambiente (PEREIRA, 2008).

Estas posturas manifestam-se por meio da defesa e manutenção de seus costumes, na participação de indígenas na academia e na política e na proteção do meio ambiente por meio de práticas e saberes construídos com auxílio da agroecologia (técnica que será apresentada adiante). Historicamente, os povos indígenas vivem equilibradamente e se preocupam em garantir vida digna para as gerações futuras. Esse costume representa a resistência contra esse movimento exploratório e a luta contra interesses diversos do Capital (CORREA XAKRIABÁ, 2018).

Os Xakriabá, assim como seus parentes¹, lutam contra as grandes corporações do agronegócio, que representam uma ameaça para nossa biodiversidade e para a vida humana. Dessa forma, a resistência dos povos indígenas representa não um mero combate ao sistema econômico, mas um impacto ambiental positivo nos ecossistemas, contrapondo a pressão negativa que o ser humano representa aos mesmos. Essa prática se aproxima da ideia de Desenvolvimento Sustentável.

A referida expressão é amplamente discutida e possui definições segundo diferentes autores. O termo surge a partir de uma insatisfação, em que cientistas e pesquisadores passam a alertar sobre a constante deterioração das condições de vida da maioria da população mundial e sobre o agravamento da degradação do Meio Ambiente. Assim, o Desenvolvimento Sustentável foi definido como uma proposta que considera diferentes aspectos do Meio Ambiente, questionando a visão antropocêntrica que vigora no campo econômico que faz com que a natureza seja encarada como simples meio de produção (MONTIBELLER FILHO, 1993).

¹A expressão “parente” é usada por povos indígenas brasileiros para se referirem uns aos outros, de forma que a compreensão da palavra extrapola a consanguinidade (REIS, 2015).

Devido à complexidade ligada aos componentes do meio ambiente, a ideia de Desenvolvimento Sustentável foi amplamente discutida e reformulada ao longo dos anos. Na Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU), em Estocolmo, em 1972, buscou-se conciliar a atividade econômica com a preservação do meio ambiente. Contudo, nos anos que seguiram foi evidenciado que a resolução das questões ambientais não resolveria os problemas de uma economia global sustentável (ESTENDER; PITTA, 2008).

Em 1986, na Conferência Mundial sobre a Conservação do Desenvolvimento da *International Union for Conservation Nature* (IUCN) o conceito de Desenvolvimento Sustentável e Equitativo foi colocado como um novo paradigma, tendo como principal noção a integração da conservação da natureza e do desenvolvimento, a fim de satisfazer as necessidades humanas fundamentais de forma justa e igual (MONTIBELLER FILHO, 1993). Desse modo, o conceito de Desenvolvimento Sustentável evoluiu até chegar à composição de três pilares: social, econômico e ambiental (ESTENDER; PITTA, 2008).

O pilar social envolve todo capital humano que está relacionado às atividades desenvolvidas por uma empresa. O pilar econômico refere-se à capacidade de uma empresa produzir, distribuir e oferecer seus produtos/serviços por meio da relação de competitividade justa com concorrentes. O pilar ambiental está relacionado às condutas que possuam impacto no meio ambiente, seja a curto, médio ou longo prazos. Assim, uma empresa não pode ser considerada social, econômica e ambientalmente sustentável se lucra explorando as más condições de trabalho dos funcionários, se não mantém boas práticas com seus concorrentes ou se gera degradação do meio ambiente da área à sua volta (TERA AMBIENTAL, 2021).

Portanto, contribuir para o Desenvolvimento Sustentável tornou-se um grande desafio: além da dimensão econômica, os esforços deverão lidar, simultaneamente, com as dimensões sociais e ambientais. Para isso, existem critérios relevantes que compõem cada uma das dimensões da sustentabilidade. Não há consenso em relação aos critérios que compõem cada uma das dimensões supracitadas por parte dos pesquisadores. Portanto, durante as tomadas de decisões organizacionais deve-se considerar critérios, que sejam identificados como sustentáveis no contexto de cada empreendimento (MAIA; PIRES, 2011).

De certa forma, os indígenas carregam os pilares do Desenvolvimento Sustentável em sua oralidade e em suas práticas cotidianas que são passadas de geração em geração. Embora cada povo tenha seus próprios costumes, crenças e língua, eles compartilham um objetivo de futuro

em comum: garantir dignidade às vidas das gerações futuras. Portanto, os indígenas constroem projetos no campo da educação, saúde, território, meio ambiente, entre outros (DOS SANTOS; MACHADO, 2019). No processo de escolarização indígena, são repassados conteúdos relacionados ao uso do território, direitos indígenas, e às questões culturais (OLIVEIRA, 2020).

Os professores(as) de cultura ministram a respeito das questões culturais e enfatizam não serem responsáveis por ensinar a cultura, mas por despertar os conhecimentos que estão adormecidos. Isso porque entende-se que quando se pertence a um povo, já nasce com toda a sabedoria do mesmo (OLIVEIRA, 2020). A partir disso, os Xakriabá perpetuam noções de Desenvolvimento Sustentável, passando-as de geração para geração, perpetuando atitudes conscientes que contribuem para a saúde não só de sua comunidade como também do seu entorno.

Isso porque os Xakriabá realizam o movimento contrário ao da exploração predatória do solo e demais recursos naturais (conforme apresentado no item anterior), gerando um impacto positivo aos ecossistemas do Cerrado, bioma em que estão inseridos. As mulheres pertencentes ao povo Xakriabá atuam diretamente na contribuição para a manutenção do Cerrado por meio de atividades agroecológicas, do banco de sementes e de atividades políticas. Dessa forma, possuem papel importante na proteção da biodiversidade, do solo e da água do Cerrado e na manutenção do equilíbrio ecológico global, conforme abordado a seguir.

3.3 As Mulheres na Proteção do Território Xakriabá e Agroecologia Feminista

Na comunidade Xakriabá, as mulheres são grandes pilares para a resistência e manutenção da cultura de seu povo. O presente estudo irá avaliar as práticas cotidianas de mulheres indígenas como parte da construção de saberes ambientais que têm como finalidade a proteção de seu território e do Cerrado. O Dicionário Priberam traz como definição de saber “1) Possuir o conhecimento de. Conhecer; 2) Não Ignorar; 3) Estar habilitado para. 4) Ser capaz de. 5) Ter experiência. 6) Ter consciência de” (SABER, 2021).

Assim, os saberes ambientais, construídos pelas mulheres indígenas, dizem respeito ao entendimento da amplitude do meio ambiente e à aplicação desse entendimento no dia a dia das aldeias em que vivem. Elas passaram a ter notoriedade e protagonismo na comunidade a partir de 1987, no primeiro processo de retomada territorial, período em que eram responsáveis por cuidar de seu território e repassar as práticas diárias aos mais jovens. Além disso, as mulheres foram, e são, guardiãs de sementes e de saberes agroecológicos, elementos essenciais para

manter a alimentação saudável da comunidade (Figura 3.4) e preservar o meio ambiente (CORREA XAKRIABÁ, 2018).

Figura 3.3 – Mulheres Xakriabá triturando milho para preparo de prato tradicional Xakriabá.



Fonte – Edgar Correa Kanaykō (2011).

As mulheres Xakriabá carregam consigo a responsabilidade de manutenção dos hábitos alimentares e da agricultura de seu povo. Elas transmitem o ensinamento de como se planta sem veneno, valorizando a agricultura familiar, cada povo e seus territórios. Em seu território, as mulheres mantêm a prática da agrofloresta (ou aguafloresta como costumam dizer), práticas que ‘imitam a natureza’ (CORREA XAKRIABÁ, 2018). A agrofloresta é uma técnica de plantio, que está fortemente associada à Agroecologia, uma vez que combina plantas que já estavam presentes em um determinado local com outras introduzidas.

O debate em torno do conceito de “Agroecologia” encontra-se intensamente em voga atualmente. A palavra Agroecologia é a junção de “agro” e “ecologia”, ou seja, é a parte da ecologia que visa a integração equilibrada entre as atividades agrícolas e o meio ambiente (AGROECOLOGIA, 2021). Segundo a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo, a Agroecologia é uma ciência que fornece princípios ecológicos para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais (SÃO PAULO, 2021?).

Essa ciência reúne contribuições das ciências sociais, naturais e agrárias, e as organiza na construção de princípios abstratos que, a partir da aplicação à realidade de um determinado local, se tornam concretos. Além disso, a Agroecologia valoriza o saber prático popular, reconhecendo-o como elemento fundamental para a evolução da agricultura ao longo dos séculos. Assim, a experiência constrói um banco de referências aplicáveis e tem papel de validar a concepção teórica da Agroecologia (EMBRAPA, 2006).

Salienta-se que a valorização de conhecimentos populares não deslegitima a Agroecologia enquanto ciência, uma vez que o método científico é utilizado em simbiose ao saber popular. A agricultura familiar tradicional, indígena, quilombola ou camponesa tem grande importância para a construção dos entendimentos sobre a natureza e sobre o domínio da utilização dos elementos naturais enquanto ferramentas para o desenvolvimento da produção agrícola (EMBRAPA, 2006).

Assim, no presente trabalho, considera-se mais adequado que as práticas realizadas pelas Xakriabá sejam denominadas agroecológicas, uma vez que essa ciência abrange os objetivos e princípios adotados pelas indígenas. Utilizando a Agroecologia, é possível recompor a diversidade local e recuperar o equilíbrio de um ecossistema ao aproveitar os estágios de regeneração de clareiras em uma área ou realizar o plantio de uma nova mata em uma área de pasto (JANCZ *et al.*, 2018).

O termo de “aguafloresta” supracitado foi concebido por João Xakriabá que, ao ser introduzido ao conceito de Agrofloresta pela primeira vez, em 2005, questionou:

mas como vamos reflorestar fazendo agrofloresta, aqui é cerrado, tinha que ser agrocerrado, porque agrofloresta foi muito usado na região amazônica de mata atlântica, melhor então chamar aguafloresta, porque quando plantamos planta, estamos também plantando água (CORREA XAKRIABÁ, 2018, p. 81).

Como dito anteriormente, o emprego da Agroecologia no Cerrado foi fortemente atacado durante o processo de ocupação territorial e a fala de João reforça a importância do trabalho das mulheres Xakriabá, pois o Cerrado é o berçário dos rios brasileiros. Assim, ao proteger a memória e cultura de seu povo, as mulheres protegem a diversidade do Cerrado e a manutenção de seus rios.

Atualmente, a contribuição desses povos ocorre também como forma de resistência ao planejamento econômico Brasileiro (CORREA XAKRIABÁ, 2018). Planejamento este que supervaloriza a produção de *commodities*² em detrimento da produção de alimentos a fim de assegurar o acesso em quantidade e qualidade suficientes à população. Além disso, é importante mencionar que a Agroecologia oferece boas bases para construir a igualdade de gênero, isso porque propõe a harmonia, o respeito mútuo e a igualdade entre as relações, seja entre o ser humano e a natureza, seja entre as pessoas (NOBRE, 2020).

Dessa forma, se ultrapassa a chamada “divisão sexual do trabalho” que separa as atividades consideradas “de mulheres” das consideradas “de homens” (JANCZ *et al.*, 2018, p 46). Isso permite com que as mulheres tenham maior autonomia na agricultura, o que nos leva à definição das chamadas práticas agroecológicas feministas. A agroecologia feminista é uma perspectiva onde as mulheres são vistas e se veem com as mesmas condições e direitos que os homens diante do trabalho (BRUIL *et al.*, 2020). Dessa forma, as mulheres podem decidir e gerenciar o uso de seu tempo e seu corpo.

Essa autonomia permite novas oportunidades a essas mulheres, uma vez que seu trabalho passa a ser reconhecido como parte fundamental não só da economia, mas do bem-estar de suas famílias e de sua comunidade (BRUIL *et al.*, 2020). Além disso, elas têm autonomia, inclusive, para participar ativamente de discussões e de decisões políticas de seu interesse. Na aldeia Xakriabá, o espaço das mulheres em discussões políticas tem crescido à medida que se aumenta o entendimento da importância de seu papel nas retomadas territoriais.

O Acampamento Terra Livre (ATL) é a maior mobilização do movimento indígena do Brasil e reúne indígenas de diversos povos, sendo um importante espaço de demarcação política. Em 2016, durante o ATL, houve um marco importante para a construção do lugar de fala das mulheres indígenas: a primeira plenária de mulheres indígenas. No acampamento ocorrem também outras discussões plurais, com representatividade em várias instâncias de governo, como Congresso Nacional, Ministério da Justiça, Ministério Público Federal, Advocacia Geral da União e Ministério da Educação e Cultura, por exemplo (CORREA XAKRIABÁ, 2018).

² O conceito de *commodity* designa produtos com características semelhantes em qualquer lugar do planeta, englobando produtos agropecuários e minerais. As *commodities* precisam ter produção em larga escala, capacidade de estocagem, baixa industrialização e alto nível de comercialização. Assim, as *commodities* podem ser definidas como bens primários com cotação internacional, como petróleo, soja, minério de ferro e café. As *commodities* movimentam o comércio e o mercado financeiro em países agrícolas e minerais (MÁXIMO, 2021).

Durante o ATL existem grupos de trabalho com diversas pautas, inclusive pautas específicas das mulheres e juventude que têm conquistado espaço considerável nos últimos três anos (CORREA XAKRIABÁ, 2018). Este trabalho se propõe a ser mais um espaço de contribuição para que essas mulheres possam se expressar e fazer com que suas vozes ressoem. Espera-se que, ao aliar os conceitos de agroecologia feminista com a fala das mulheres Xakriabá, seja possível perceber a importância do protagonismo dessas mulheres para seu povo, para o cerrado e, conseqüentemente, para a sociedade.

4 METODOLOGIA

A abordagem metodológica adotada nesta pesquisa é descritiva e qualitativa. A pesquisa qualitativa preocupa-se em aprofundar a compreensão de um grupo, em detrimento de buscar enumerar ou medir eventos. Ela visa descrever e decodificar os fenômenos observados ao longo da pesquisa por meio da adoção de diferentes técnicas interpretativas (NEVES, 1996).

Neste caso, não se busca quantificar os valores e as trocas simbólicas obtidas na pesquisa, pois entende-se que os dados analisados são não-métricos, ou seja, são atributos ou propriedades que identificam e descrevem o objeto de pesquisa (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). Tem-se como objetivo compreender como as mulheres indígenas Xakriabá atuam na proteção do Cerrado por meio de suas práticas cotidianas.

Para isso, buscou-se pesquisar uma população situada no Cerrado e, especificamente, no estado de Minas Gerais. Essa escolha se deve à importância do referido bioma para a manutenção da vida e da biodiversidade no Brasil e à necessidade de contribuição para as discussões acerca dos métodos de preservação do Cerrado. Por serem protagonistas na proteção da identidade de seu povo e na manutenção da biodiversidade do Cerrado, optou-se por estudar as práticas cotidianas de mulheres que pertencem ao povo indígena Xakriabá e, devido a critérios de acessibilidade, particularmente da aldeia Riacho dos Buritis. Portanto, a unidade de análise do presente trabalho consiste na comunidade Xakriabá, na aldeia Riacho dos Buritis.

O processo da coleta dos dados, pode ser dividido em duas etapas: 1) um processo prévio e 2) um processo *in loco*. No processo prévio, utilizou-se o método de *Snowball sampling* (PARKER; SCOTT; GEDDES, 2019). No processo *in loco*, utilizou-se diferentes ferramentas de coleta, a saber: entrevistas semiestruturadas, diário de campo e uso de imagens.

No *Snowball sampling*, o pesquisador inicia o contato com um pequeno número de pessoas (*seeds*) que se enquadram nos critérios da pesquisa e que se tornam participantes dela. Os participantes *seeds* são solicitados a recomendar outros contatos que possam participar da pesquisa e estes recomendam outras pessoas a participarem e assim por diante (PARKER; SCOTT; GEDDES, 2019). No processo prévio de coleta de dados, que durou um mês (janeiro/2022), constituiu-se uma rede de contatos com os indígenas Xakriabá de forma remota, por meio de redes sociais e do Whatsapp.

A partir de indicações de alguns membros da comunidade indígena, foi possível estabelecer contato com os entrevistados e construir, com eles, certa relação de confiança. Neste primeiro momento, fizemos contato com Edgar Xakriabá³ que abriu as portas para a comunidade indígena localizada no município de São João das Missões, no norte de Minas Gerais. Após contato, a presidenta da Associação Indígena Xacriabá Riacho dos Buritis e Adjacências (AIXARBA), nos autorizou a entrada na aldeia para a condução da pesquisa.

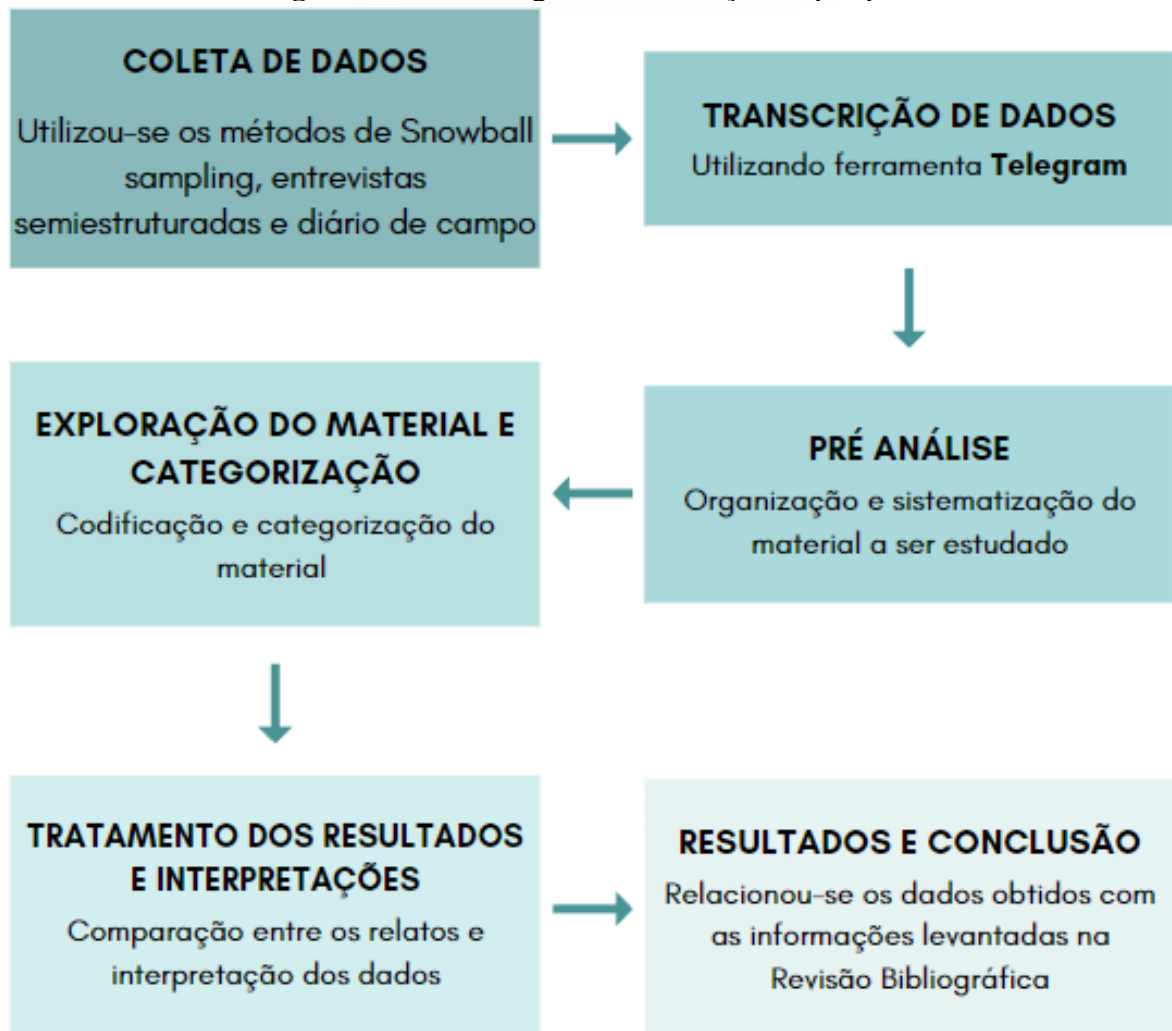
O processo in loco inicia-se com a visita da pesquisadora à Terra Indígena Xakriabá (TIX), onde foram realizadas as entrevistas e a observação participante. Tivemos como sujeito de pesquisa 03 (três) mulheres e 01 (um) homem residentes na TIX, na aldeia Riacho dos Buritis. O modelo escolhido para a coleta foi a entrevista semiestruturada que permite que o entrevistado discorra sobre suas experiências de forma espontânea. Por isso, elaborou-se um roteiro temático (Anexo I) utilizado para conduzir o foco da entrevista, mas que possibilitasse o sujeito de discorrer livremente sobre suas vivências e percepções.

Esta segunda etapa da coleta de dados foi uma forma de vivenciar o que foi previamente estudado na revisão bibliográfica e de experienciar parte do dia a dia das mulheres indígenas. Nesse momento também foram recolhidos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), vide Anexo II, e a autorização para entrada na comunidade e iniciou-se o diário de campo com coleta de imagens. O diário de campo foi utilizado como forma de registrar as percepções da autora, partindo da realidade vivida na TIX.

A figura 4.1. apresenta as estratégias metodológicas da condução da pesquisa. Estas serão explicadas a seguir e a partir delas espera-se compreender como as mulheres indígenas Xakriabá atuam na proteção do Cerrado por meio de suas práticas cotidianas.

³ Edgar Kanaykō Xakriabá é um indígena Xacriabá, fotógrafo e antropólogo mestre em Antropologia (UFMG) com pesquisa sobre a relação das aldeias com a fotografia. Sua etnofotografia é usada como ferramenta de luta.

Figura 4.1 – Estratégias de elaboração da pesquisa



Fonte – A autora (2022).

4.1 Coleta de Relatos e Vivência de Campo

Entrevistas são um recurso metodológico muito comum em pesquisas qualitativas e são fundamentais quando se deseja mapear práticas, crenças e valores de universos sociais específicos. Elas podem permitir que o pesquisador consiga compreender uma lógica comum a partir dos modos em que cada um dos indivíduos percebe e expressa a realidade em seus relatos (DUARTE, 2004).

É importante que, antes de se iniciar o processo de entrevistas, o pesquisador conheça o contexto em que a situação estudada está inserida. Por isso, foi realizado um processo investigativo utilizando-se estudos precedentes e recursos visuais (fotos e vídeos) que tratassem do tema, conforme indicado na Figura 4.2. Nesse processo objetivou-se conhecer a história e as atividades do povo Xakriabá antes da realização de entrevistas.

Figura 4.2 – Recursos Utilizados no Processo Investigativo

Categoria	Título	Local
Vídeo	Terra indígena Xakriabá: fome, seca e resistência	YouTube (https://www.youtube.com/watch?v=3IXztrLHXUM&ab_channel=Projeto%23Colabora)
	Série Mulheres Cientistas #08 – Célia Xakriabá	YouTube (https://www.youtube.com/watch?v=6kjke421hws&ab_channel=TVUFMG)
	Um pé na aldeia, um pé no mundo: Juventude Xakriabá segue os passos da resistência histórica do povo	YouTube (https://www.youtube.com/watch?v=L4kVHGavb_g&ab_channel=ConselhoIndigenistaMissionario)
	ÍNDIOS XACRIABÁS - HISTÓRIA XAKRIABÁ	YouTube (https://www.youtube.com/watch?v=RHqxUWMIxUM&t=120s&ab_channel=GibaTavares)
	Povo Indígena Xakriabá em 1 minuto	YouTube (https://www.youtube.com/watch?v=Q9duTLsn9tc&ab_channel=Etnovis%C3%A3o-EdgarKanayk%C3%B5Xakriab%C3%A1)
	PGTA - Plano de Gestão Territorial e Ambiental Xakriabá	YouTube (https://www.youtube.com/watch?v=v-ATdiS8xBY&t=28s&ab_channel=Etnovis%C3%A3o-EdgarKanayk%C3%B5Xakriab%C3%A1)
	A chacina de 1987 – Xakriabá	YouTube (https://www.youtube.com/watch?v=1QvLp4TSA28&t=20s&ab_channel=AssembleiadeMinasGerais)
Dissertação (mestrado)	O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada	REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNB (https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/34103/3/2018_C%c3%a9liaNunesCorr%c3%aaa.pdf)
Artigo	A população Xakriabá, Minas Gerais: aspectos demográficos, políticos, sociais e econômicos	SCIELO (https://www.scielo.br/j/rbepop/a/FsSdWQWkp kQ5SmTwb6RTJQc/?format=pdf&lang=pt)
Fotos	Edgar Kanaykõ – Fotógrafo(a)	Instagram (https://instagram.com/edgarkanayko)

Fonte – A autora (2022).

Para a coleta dos relatos, foi preparado um roteiro de entrevista (Anexo I), a partir de questionamentos levantados durante a construção do referencial teórico e do processo investigativo mencionado. Este instrumento foi utilizado como forma de permitir que a pesquisadora conduzisse o foco da entrevista, sem que impossibilitasse o informante de discorrer livremente sobre suas vivências e percepções.

Realizar entrevistas, em especial as entrevistas semiestruturadas, envolve propiciar situações de contato entre o entrevistador e os indivíduos participantes da pesquisa. Para isso, deve-se estabelecer uma certa relação de confiança entre os envolvidos, para que seja possível obter um discurso livre, mas que atenda os objetivos da entrevista e que seja significativo no contexto investigado (DUARTE, 2004). Durante as entrevistas as perguntas foram feitas com certo nível de informalidade, utilizando a técnica de *rapport*, a fim de aproximar a entrevistadora do entrevistado.

O *rapport* constitui-se em um conjunto de ações que buscam o estabelecimento de confiança e/ou empatia entre os comunicantes. Assim, objetiva-se manifestar o acolhimento do pesquisador ao entrevistado a partir da escuta ativa - onde expressamos o interesse pelo que está sendo dito e encorajamos a continuidade da fala. No *rapport* tem-se o cuidado em demonstrar imparcialidade a partir da linguagem verbal e corporal utilizada com o participante para que ele não se sinta julgado por suas falas ou maneiras de se expressar (SOARES, et al., 2017).

A qualidade, se não a quantidade, de informação útil produzida por uma entrevista depende em grande parte das habilidades do entrevistador. Os entrevistadores diferem em muitos aspectos: seu ritmo de entrevistas, seu *rapport* com os entrevistados e sua capacidade de transmitir autenticidade, empatia e humor (COHEN, SWERDLIK & STURMAN, 2014 p. 10).

Todas as entrevistas realizadas foram gravadas, com o consentimento prévio dos entrevistados (TCLE). Assim, todas as anotações a respeito do material coletado foram registradas após a resposta completa do entrevistado ou logo ao final da entrevista, evitando qualquer desconforto ao participante. Utilizou-se o aplicativo *Telegram* para auxiliar nas transcrições das entrevistas e os dados coletados foram analisados conforme detalhado no item 4.2.

Segundo Gil (2008), utilizar um gravador é uma das formas mais confiáveis de reproduzir as respostas das entrevistas. A gravação permite com que o pesquisador retenha todas as

informações da entrevista, evitando distorções que a memória humana poderia gerar sem a utilização do recurso eletrônico. Outra vantagem do gravador é possibilitar que o pesquisador mantenha, ao longo de toda entrevista, contato visual com o entrevistado, reforçando os laços de confiança criados anteriormente (GIL,2008).

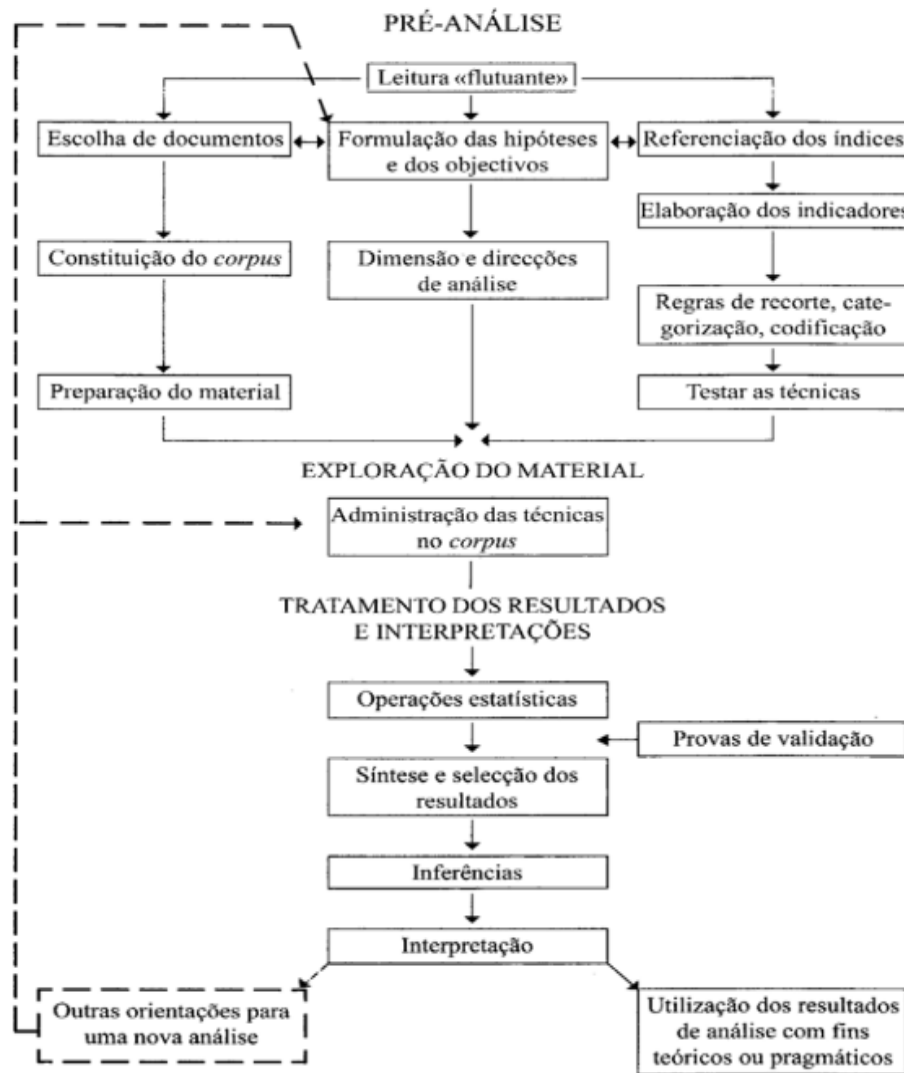
Outra forma muito importante de se entender o contexto da pesquisa foi a visita de campo. A abordagem escolhida foi a de observação participante, em que a pesquisadora participou ativamente das atividades de coleta de dados. Na visita a pesquisadora conviveu com a família de uma das entrevistadas (Marinete), participou das atividades domésticas, foi à escola, teve contato com as crianças durante as aulas de Cultura Indígena e pôde acompanhar o acompanhamento das atividades da Associação.

A imersão da pesquisadora, mesmo que por poucos dias, no cotidiano da comunidade indígena foi importante para captar aspectos da realidade das Xakriabá que não são contados nas entrevistas. A partir da experiência pessoal e conversas com pessoas da comunidade Xakriabá, foi possível conhecer a realidade vivenciada na aldeia. As observações de campo foram registradas em um diário de campo que também foi utilizado como fonte de dados da pesquisa e é apresentado no capítulo seguinte.

4.2 Análise dos Dados

A análise de dados seguiu a metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), que organiza a metodologia em três fases: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados e interpretação. A síntese dessas fases é apresentada na Figura 4.3. Apresentamos, em sequência, o detalhamento do desenvolvimento de cada uma das fases nesta pesquisa.

Figura 4.3 – Etapas e Fases do Desenvolvimento da Análise de Conteúdo.
Desenvolvimento de uma análise



Fonte – Bardin (2016).

4.2.1 Pré-Análise

A pré-análise é a etapa de organização, onde se realiza a sistematização do material a ser estudado (tanto o referencial teórico quanto a transcrição das entrevistas) e se estabelece indicadores para a interpretação a ser realizada. Essa fase permite que o autor conduza a análise de maneira mais clara.

Foi realizada a leitura flutuante das entrevistas com o objetivo de estabelecer o primeiro contato com o material obtido e tomou-se nota das primeiras impressões e orientações a respeito do material registrado. Em sequência constituiu-se o *corpus* da pesquisa, ou seja, definiu-se quais documentos seriam submetidos aos procedimentos analíticos.

Para isso, foi necessário refletir sobre as principais regras apresentadas por Bardin (2016): i) exaustividade: todos os elementos dos documentos escolhidos devem ser levados em conta; ii) representatividade: pode-se efetuar uma amostragem, caso seja conveniente à pesquisa, e ela é considerada rigorosa quando se apresenta como parte representativa do universo inicial; iii) homogeneidade: os documentos devem obedecer critérios precisos de escolha e não devem fugir demasiadamente desses critérios; iv) pertinência: os documentos devem ser selecionados de forma que atendam ao objetivo da pesquisa (BARDIN, 2016).

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foram obtidos registros orais, escritos e fotográficos. A partir das referidas regras, escolhemos os relatos que pudessem ser utilizados em sua totalidade e que apresentavam maior riqueza em detalhes e maior densidade de informações sobre os costumes das Xakriabá. Portanto, foram escolhidos para compor o *corpus* os relatos das 3 mulheres entrevistadas, pois as entrevistas seguiram o mesmo escopo (Anexo I).

Também foi selecionado o relato de um homem que seguiu um escopo parecido com o utilizado com as mulheres, pois foram feitos questionamentos que fossem pertinentes ao diálogo estabelecido com o participante da entrevista. Assim, todos os elementos trazidos pela figura masculina escolhida reforçam e complementam os relatos das mulheres, enriquecendo a pesquisa. A figura 4.4 apresenta um resumo sobre os participantes das entrevistas.

Figura 4.4 – Sumário de Sujeitos Participantes da Pesquisa

Participante⁴	Idade	Estado Civil	Profissão/Ocupação	Sexo
Marinete	34	Casada	Professora e presidente da AIXARBA	Feminino
Fabriciane	29	Solteira	Engenheira Florestal	Feminino
Alvina	54	Casada	Professora	Feminino
João	35	Casado	Professor	Masculino

Fonte – A autora (2022).

Além disso, optou-se por utilizar o diário de campo produzido pela autora que traz alguns registros fotográficos de sua visita na TIX e que também pode ser analisado com os mesmos critérios utilizados para as entrevistas. Assim, considera-se que os documentos escolhidos nos

⁴Ao serem perguntados se gostariam que usássemos um nome Xakriabá que os representasse, todos os participantes optaram por utilizar seus nomes na pesquisa.

permitirão observar contornos significativos que fundamentem a exploração do material e a etapa final de tratamento, inferência e interpretação.

4.2.2 Exploração do Material e Categorização

Nesta etapa foram realizadas operações de codificação. “A codificação é a transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão” (Bardin, 2016, p. 133). Nessa fase, é feita a categorização do material que consiste no desmembramento e agrupamento das unidades de registro do texto.

A repetição de palavras e termos foi a estratégia adotada no processo de codificação para a criação das unidades de registro. Assim, foram determinadas categorias iniciais que permitissem a divisão de trechos recortados dos relatos e a interpretação dos dados, conforme apresentadas na Figura 4.5.

Figura 4.5 – Categorias Iniciais

Número	Categorias Iniciais
1	Entendimento da importância da proteção do Cerrado para a manutenção da vida
2	A utilização dos recursos do Cerrado para desenvolvimento econômico da comunidade
3	Entendimento da água como recurso importante para a preservação da vida
4	Utilização dos recursos do Cerrado para manutenção da cultura
5	Associação como espaço de ações de melhoria para a comunidade e para o território
6	Atividades que promovem a recuperação de recursos naturais
7	Conscientização dos alunos com relação à importância do Cerrado
8	Envolvimento da escola nos projetos da associação
9	Eventos que trazem as mulheres a se envolverem com os projetos de proteção do Cerrado
10	Entendimento do Cerrado como uma extensão de si/de suas casas
11	A participação das mulheres em demais atividades da comunidade

Fonte – A autora (2022).

Os recortes com temas correlatos dão origem às categorias iniciais que foram agrupadas, gerando um subgrupo, originando as categorias intermediárias que são apresentadas na Figura 4.6.

Figura 4.6 – Categorias Intermediárias

Número	Categorias Iniciais	Categorias Intermediárias
1	Entendimento da importância da proteção do Cerrado para a manutenção da vida	I) Entendimento de Desenvolvimento Sustentável
2	A utilização dos recursos do Cerrado para desenvolvimento econômico da comunidade	
3	Entendimento da água como recurso importante para a preservação da vida	II) Relação cultural com o Cerrado
4	Utilização dos recursos do Cerrado para manutenção da cultura	
5	Associação como espaço de ações de melhoria para a comunidade e para o território	III) Associação como espaço de ações para a proteção do Cerrado
6	Atividades que promovem a recuperação de recursos naturais	
7	Conscientização dos alunos com relação à importância do Cerrado	IV) Educação como forma de proteção do cerrado
8	Envolvimento da escola nos projetos da associação	
9	Eventos que trazem as mulheres a se envolverem com os projetos de proteção do Cerrado	V) Mulheres atuantes e engajadas nas atividades agroecológicas
10	Entendimento do Cerrado como uma extensão de si/de suas casas	
11	A participação das mulheres em demais atividades da comunidade	VI) O impacto das práticas cotidianas das mulheres no Cerrado

Fonte – A autora (2022).

Uma última aglutinação dessas categorias deu origem às categorias finais. A partir disso foi possível que a autora realizasse inferências que permitiram compreender o sentido da fala dos entrevistados e buscar as mensagens e significados por trás dela. Intencionou-se traduzir os objetivos da pesquisa em palavras chaves que funcionassem como categorias finais, conforme

ilustrado pela Figura 4.7. Com esses tratamentos, pudemos seguir para a última parte da metodologia de análise, a de tratamento de dados e interpretação.

Figura 4.7 – Categorias Finais

Índice	Categorias Intermediária	Categorias Finais
I	Entendimento de Desenvolvimento Sustentável	Importância da preservação do Cerrado
II	Relação cultural com o Cerrado	
III	Associação como espaço de ações para a proteção do Cerrado	Práticas cotidianas de proteção do Cerrado
IV	Educação como forma de proteção do Cerrado	
V	Mulheres atuantes e engajadas nas atividades agroecológicas	Atividades Agroecológicas Feministas
VI	O impacto das práticas cotidianas das mulheres no Cerrado	

Fonte – A autora (2022).

O esquema completo de categorização pode ser verificado no Anexo III.

4.2.3 *Tratamento dos Resultados e Interpretações*

Por fim, a terceira fase consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes dos relatos. Para isso é feita uma análise comparativa entre as categorias existentes em cada entrevista, observando as semelhanças e disparidades entre os discursos (SILVA; FOSSÁ, 2015). Nessa fase são realizadas comparações e interpretações dos dados categorizados, a partir das quais vão se evidenciando os resultados da pesquisa.

Nos capítulos a seguir apresentamos uma breve contextualização sobre a TIX e, em seguida, o diário de campo contendo as anotações, observações e reflexões realizadas em campo. Em seguida, estão apresentados os resultados encontrados partir das categorizações e interpretações dos dados. Por fim, no capítulo 8, apresentamos as considerações gerais da pesquisa.

5 TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ

Os Xakriabá são identificados como sendo da família linguística Jê e são falantes da *Akwen*, tal qual seus parentes Xerentes e Xavantes (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2021). A organização social Xakriabá é reconhecidamente muito bem articulada tanto internamente quanto externamente à comunidade. A população é composta por 35 aldeias onde moram mais de 11 mil indígenas.

Internamente, cada aldeia possui um líder que as representa e seu conselho, o qual é composto por chefes das famílias daquela comunidade. Para a escolha dos líderes das aldeias, geralmente os interessados a serem representantes da aldeia se manifestam e então os moradores fazem uma reunião para se manifestarem a favor ou contra aquele candidato. Quanto há mais de um interessado, é feita uma votação simples, em que se chega a um consenso sobre quem deve assumir o posto da liderança.

As Associações são outra forma de organização dos indígenas Xakriabá cujo objetivo é buscar por melhorias para a comunidade indígena. No caso da Aldeia Riacho dos Buritis, ela é representada pela AIXARBA que é composta pelos 6 membros que compõem a diretoria e pelos demais associados pertencentes às 8 aldeias contempladas pela Associação. Os trabalhos desenvolvidos são de adesão livre e voluntária e sua gestão segue princípios voluntários, tendo periodicamente votações para escolha de diretoria.

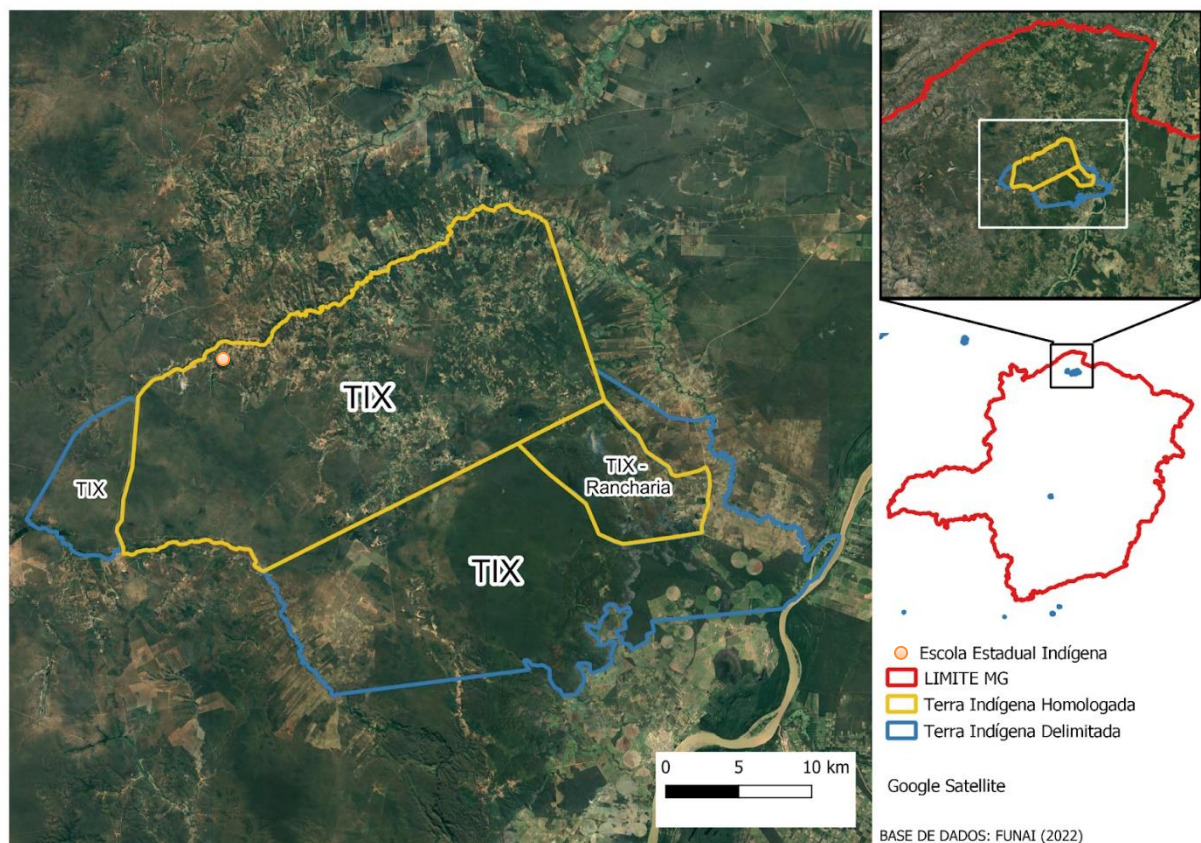
O processo de demarcação da Terra Indígena Xakriabá iniciou-se em 1978, com os primeiros trabalhos de identificação do território realizado pela FUNAI. A homologação da primeira área do território indígena, no entanto, só ocorreu em 1987, após um episódio de violência contra os indígenas que teve repercussão nacional. Os Xakriabá lembram com muito pesar da “Chacina de 1987” em que três lideranças Xakriabá foram assassinadas, dentre elas o cacique Rosalino Gomes.

Em 12 de fevereiro de 1987, quinze homens fortemente armados atacaram a casa do cacique Rosalino. A ação ocorreu à mando de um conhecido grileiro de terras da região, em um momento que a família de Rosalino estava dormindo e não tinham nenhuma chance de se defender. Os envolvidos foram condenados e presos, o crime foi caracterizado como genocídio (CORREA XACRIABÁ, 2018).

Cacique Rosalino foi um exemplo de resistência para seu povo, pois mesmo sob ameaças levou adiante o sonho de seu povo de não viver em cativeiro. O sangue de Rosalino não foi derramado em vão e os Xakriabá possuem enorme gratidão ao cacique garantiu a defesa dos direitos dos Xakriabá. O legado deixado por Rosalino ainda vai além: seu filho, Domingos, assumiu o cacicado do seu povo, dando continuidade ao sonho do seu pai. Além disso, José Nunes, também filho de Rosalino, foi eleito prefeito do Município de São João das Missões-MG por dois mandatos (CIMI REGIONAL LESTE, 2011).

A retomada territorial, no entanto, é um processo que perdura até a presente data. Em 2003 a Terra Indígena Xakriabá de Rancharia (Figura 5.1) também foi homologada, mas as reivindicações dos Xakriabá ainda não terminaram. Os indígenas buscam agora a homologação do restante de seu território e pretendem conseguir retomar o acesso ao Rio São Francisco o qual foi retirado do povo indígena nos processos de disputas territoriais com fazendeiros da região.

Figura 5.1 – Terra Indígena Xakriabá em processo de Demarcação



Fonte – A autora (2022).

Para representação externa ao território o povo Xacriabá conta com o Cacique Domingos. Há ainda 3 (três) outros caciques que representam cada uma das regiões de retomada territorial. Na

política externa, eles buscam estar presentes e atuantes. O prefeito da cidade de São João das Missões – onde a maior parte da TIX está situada –, é um indígena Xakriabá. É o quarto mandato consecutivo em que um indígena assume a prefeitura da cidade. Para os Xakriabá isso é importantíssimo, pois são representados por alguém que vive, entende e dá atenção às demandas da TIX. Ademais, Célia Xacriabá, importante figura Xacriabá nas articulações políticas, anunciou este ano sua pré-candidatura à Deputada Federal pelo PSOL-MG.

Os conflitos territoriais influenciaram muito o modo de vida dos Xakriabá. Ao serem cercados por fazendeiros e ao serem aldeados, houve a redução da extensão de seu território. A perda do território fez com que houvesse também a diminuição do acesso a alimentos e elementos necessários para sua subsistência e para a manutenção de sua cultura. Por serem um povo originalmente caçador e coletor, um dos impactos da perda de extensão de seu território foi a necessidade de adaptação para a nova realidade que eram obrigados a encarar.

Assim, os Xakriabá precisaram adotar uma forma a agricultura como forma predominante de atividade econômica. Contudo, os Xakriabá mantiveram seus conhecimentos tradicionais e sempre buscaram uma forma de plantio que respeitasse a terra e os recursos naturais do Cerrado. O plantio era desenvolvido utilizando a estratégia que chamamos de pousio⁵, sem utilização de agrotóxicos e a produção era completamente destinada à subsistência ou, em caso de sobras, eram feitas trocas entre os parentes. Mais recentemente, a subsistência dos indígenas foi afetada pela falta de água na região, fazendo com que, novamente, eles necessitem de buscar alternativas para sua sobrevivência e enfrentam desafios para manter sua cultura viva.

⁵ Nessa estratégia, são utilizadas duas ou mais áreas de plantio de forma intercalada. Planta-se em uma área e após algumas colheitas essa área é deixada em repouso para que o solo se reestruture e recomponha suas características, tornando-se fértil novamente após algum período.

6 DIÁRIO DE CAMPO

O diário de campo é uma forma de registro de observações, comentários e reflexões que compõem o processo de coleta de informações. A observação e os registros escritos do que se observam são instrumentos básicos para uma pesquisa descritiva de qualidade. Ao observar a realidade ou objeto de estudo, com senso de investigação científica, não estamos simplesmente os encarando, mas sim buscando compreender os questionamentos do pesquisador (MARTÍNEZ, 2007).

Assim, busca-se focar, intencionalmente, a atenção nos elementos que ilustrem a realidade que se se estuda, para que possamos entender a forma como os fatos interagem entre si (MARTÍNEZ, 2007). A partir da observação, são construídas reflexões acerca do que foi experienciado as quais trazem consigo a subjetividade do pesquisador. No entanto, deve-se criticar de forma consciente esta subjetividade, além de avaliar as formas como ela influencia o processo de pesquisa (OLMOS-VEJA *et al.*, 2022).

A flexibilidade consiste justamente na prática de tornar claro ao leitor a influência da subjetividade do pesquisador na pesquisa (OLMOS-VEJA *et al.*, 2022). Neste capítulo apresentamos as anotações realizadas durante a visita de campo que ocorreu entre os dias 09 (nove) e 11 (onze) de maio de 2022 na Aldeia Riacho dos Buritis, pertencente à Terra Indígena Xakriabá. Espera-se com essa seção permitir que o leitor capte a visão da pesquisadora quanto à sua relação com as indígenas e com a pesquisa em si, admitindo a subjetividade como parte da coleta de dados.

A Chegada à Terra Indígena Xakriabá

É dia 08/05/2022, 20h30. Estou a caminho da rodoviária de Belo Horizonte, cheia de expectativas quanto à minha ida à terra indígena. Neste momento não sei o que esperar exatamente, pois decidi que eu precisava ir sem muitas teorias em mente, para que eu possa observar a vivência das mulheres indígenas da forma mais natural possível.

Reflico sobre o quanto é significativo, para mim, ter escolhido esse tema que não é muito convencional – principalmente no curso de Engenharia Ambiental e Sanitária. Sinto que minha pesquisa é importante para mim, mas, principalmente, para a comunidade indígena. Para mim é importante porque sinto que meu trabalho pode dar destaque ao trabalho das mulheres

indígenas e levar a academia e a comunidade em geral a refletir sobre qual é o papel dela para/com esses povos.

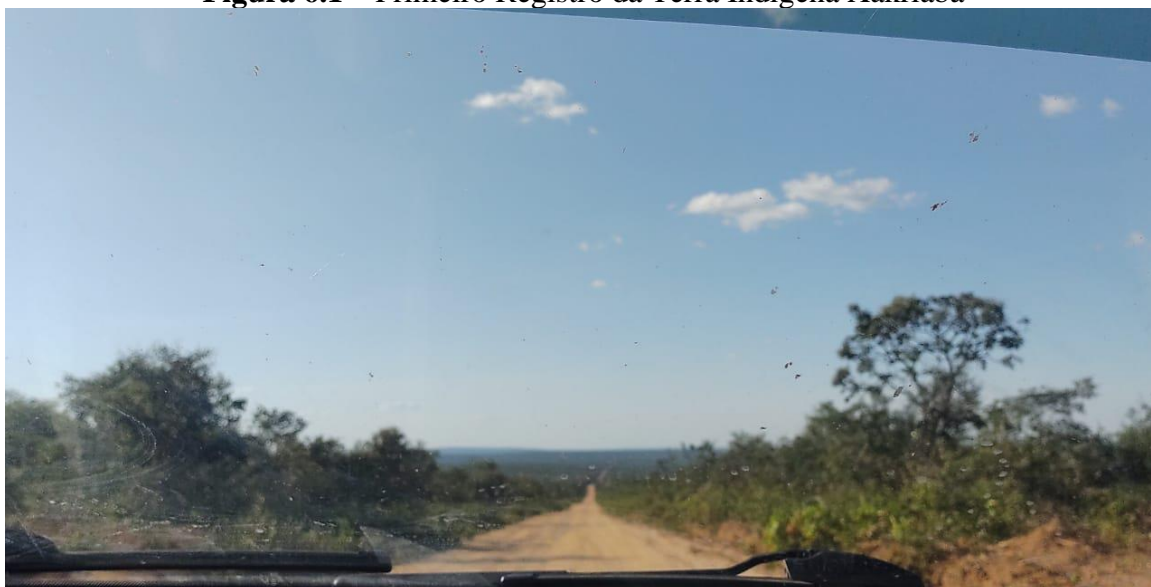
Penso também que embora meu trabalho seja um recorte pela perspectiva das mulheres, ele traz à tona a perpetuação dos valores e dos costumes indígenas, como eu bem falo ao longo do meu trabalho. Assim, ao trazer o meu olhar sobre esses temas, espero contribuir para que a comunidade indígena tenha cada vez mais apoio da sociedade e seja cada vez mais valorizada por todos.

Já a caminho de Januária, cidade mais próxima à TIX, pensei na generosidade da atual presidente da AIXARBA, Marinete, que me cedeu um espaço em sua própria casa para que eu pudesse me alocar enquanto realizava minha pesquisa. Me senti muito grata por ter conseguido transmitir a ela essa confiança que impacta diretamente em minha pesquisa. Me senti no caminho certo.

Às 07h30 do dia 09/05/2022, chego em Januária. O único ônibus que passa pela TIX sai apenas às 14h00, o ônibus me deixaria próximo à entrada da TIX, onde encontrarei Marinete. Tive receio, pois não sei se terei sinal de celular pra me comunicar, mas eu não tenho o que fazer, além de aguardar. Nesse momento penso como meus recursos são limitados e como gostaria de poder aproveitar melhor o meu tempo e a oportunidade de estar na TIX. Próximo às 14h00, Marinete me liga contando que conseguiu combinar com um rapaz para me levar de Januária até a casa dela. Assim, não precisei pegar o ônibus e pude ir de carro direto para a casa da Marinete.

Segunda-feira, 09/05/2022, 16h30, após 12 horas de viagem e muita espera, adentro a terra indígena. Me emocionei em estar realizando esse trabalho e essa visita de campo, é minha primeira visita em uma terra indígena e logo de início me impressionei com o cenário que estava à minha frente. Logo na entrada já é possível ver a vegetação típica do Cerrado (Figura 6.1), uma das riquezas deste bioma e também uma das motivações da minha pesquisa.

Figura 6.1 – Primeiro Registro da Terra Indígena Xakriabá



Fonte – A autora (2022).

Foi diferente de tudo o que eu havia conhecido até então: estrada de terra, sem iluminação alguma, muitos quilômetros sem nenhuma construção. Como é possível ver na Figura 6.1, víamos a vegetação do cerrado completamente preservada a perder de vista. Esta vegetação compunha o cenário de todos os locais que visitarei enquanto estiver aqui. Neste momento eu reflito que, pra mim, trata-se de uma paisagem – muito linda, diga-se de passagem –, mas para os Xakriabá é um componente sagrado de onde se tira muito mais do que o sustento.

Assim que entramos na TIX, o rapaz que estava me levando me indicou a divisa da Terra Indígena e disse: “Cê vai ver, os índio aqui são tudo chique! As casa dos índio são melhores que as nossa”. Pensei o quanto essa fala reforça a imagem que as pessoas geralmente têm a respeito dos indígenas e pensei em como eu poderia trabalhar a respeito disso em meu trabalho, de forma complementar ao meu tema.

De fato, as casas e as pessoas não são como o senso comum nos leva a imaginar um território indígena. Contudo, como poderia ser igual? O indígena resiste à invasão de seu território e à dominação de sua cultura, mas não necessariamente resiste às tecnologias e melhorias trazidas pela troca com comunidades não indígenas. Essa abertura para as mudanças é importante para o desenvolvimento da comunidade indígena e isso é feito com o cuidado de preservar sua identidade.

Cheguei na casa de Marinete e pude observar que as casas não possuem muros, apenas cercas e porteiros demarcam os limites das propriedades. As casas são rodeadas pela vegetação nativa.

Andei pelo quintal da casa de Marinete (Figura 6.2) e fiquei curiosa sobre as plantações feitas nele – algumas árvores frutíferas como laranja, mamão e limão. Perguntei à indígena se ela realizava plantações e ela me disse que eles tentam plantar roça todo ano, mas há muitos anos não conseguem salvar nada, devido à falta de água.

Figura 6.2 – Quintal de Marinete Xakriabá.



Fonte – A autora (2022).

Marinete relata: "A questão de água aqui é muito complicada, o abastecimento está sendo por pipa. Agora que está melhorando". Atualmente a população utiliza água dos poços artesianos e, em períodos mais secos, há também o abastecimento das casas com caminhão pipa que é fornecido pela prefeitura. A população possui um reservatório que armazena a água utilizada para suprir as necessidades básicas das famílias.

Perguntei a Marinete sobre sua rotina. Ela me contou que dá aulas na escola indígena nos turnos da manhã, tarde e noite. Além de suas tarefas domésticas, ela também acompanha e gerencia os projetos da Associação. Não imaginei que iria à escola indígena no turno da noite. Descobri, na hora de ir (por volta das 19h30), que há turmas para jovens e adultos (EJA), mas as turmas possuem poucos alunos e, por isso, seria mais tranquilo para conversar com uma das professoras, Dona Alvina.

Ao me apresentar, no geral as pessoas ficam um pouco intimidadas, percebo que elas sentem, a princípio, que não vão poder contribuir para o meu trabalho ou que não vão conseguir falar

sobre o que eu gostaria de ouvir. Por isso, eu sempre dizia: “não se preocupe, quero saber sobre você e o que você faz, não tem uma resposta certa para as perguntas, é só uma conversa mesmo”.

Após conversar com Dona Alvina, percebi que apenas dois dias seriam pouco para que eu pudesse obter todas as informações que eu gostaria, portanto eu precisaria otimizar ao máximo meu tempo na Aldeia. Logo entendi que uma das principais atividades responsáveis pela proteção do cerrado está ligada às atividades desenvolvidas pela escola, onde, entre outros assuntos, são repassados ensinamentos sobre a cultura e o meio ambiente.

Tive um receio de como lidar com a questão da agroecologia que abordo em meu trabalho pois, pelo menos na aldeia onde eu fiquei, não é um costume fazer plantio para subsistência. Existem projetos para a retomada da prática de plantio na aldeia, mas os projetos têm focado ainda na parte de recuperar os cursos d'água e restabelecer o abastecimento de água para população e posteriormente para plantio.

Contudo, sei que a agroecologia não é apenas o fato de plantar, mas também o uma forma de conscientização que vem junto com o plantar. Então acredito que é possível associar, de alguma forma, as atividades das mulheres Xakriabá com as práticas de agroecologia.

Ficou evidente que eu precisaria de mais recursos (físicos e financeiros) para poder explorar outras aldeias e as particularidades de cada uma delas e, assim, obter uma visão mais geral da TIX como um todo. Apesar disso, me animei com o que tinha de oportunidades ali naquele agora e aproveitei o vínculo criado com a professora para convidá-la a participar como entrevistada da minha pesquisa.

Uma outra questão que percebi é que eu estou tendo a visão pela perspectiva da aldeia onde estou agora e eu precisaria de muito mais tempo pra conseguir ter uma visão mais geral da comunidade Xakriabá. Existem muitas aldeias, as quais estão muito distantes umas das outras e hoje não tenho recursos para circular livremente na terra indígena. Essas são limitações que impactam na minha pesquisa. Então terei que adaptar minha para contemplar apenas a aldeia onde eu estou.

Hoje eu senti muita vontade de conversar com pessoas mais idosas, e a minha grande pergunta será com relação a como era relação com o plantio antigamente. Eu quero saber como era feito, o que se plantava e qual era o fim desse plantio. Pelo que ouvi nas conversas que tive com os

estudantes da escola (EJA), a população sempre tenta plantar, mas há muitos anos a plantação não vinga. Isso ocorre devido à falta de chuva que afeta a região há cerca de 10 anos e ao fato de os rios da região terem secado; dessa forma, a água que abastece as aldeias são destinadas a suprir as necessidades básicas, não sobrando água para utilizar nas plantações.

Acompanhando Atividades da Associação

No dia seguinte à minha chegada na aldeia acompanhei a apresentação de resultados de um dos projetos da Associação. A AIXARBA busca editais que oferecem verba para o desenvolvimento de projetos dentro da terra indígena. Uma das instituições que ofertam editais de fomento para o desenvolvimento de projetos em terras indígenas é a Fundação Nacional do Índio (Funai). Nesse caso, acompanhei uma visita dos membros da fundação em que foram apresentados trabalhos realizados nas aldeias representadas pela AIXARBA a partir do investimento da Funai.

Visitamos alguns cercamentos de nascentes e tive oportunidade de ver algumas áreas degradadas no interior da TIX (Figura 6.3). À primeira vista, tive a impressão de que as áreas degradadas passaram por um intenso processo de intemperismo físico. O solo da região é bem arenoso e é facilmente carregado pelas águas da chuva, o que resulta em uma grande área de erosão. Nessas áreas não há indícios de intervenção humana, seria necessário um estudo mais profundo para entender outros motivos que possam ter gerado a degradação dessa área.

Figura 6.3 – Área de Degradação Ambiental no Interior da TIX.



Fonte – A autora (2022).

O objetivo do projeto desenvolvido é justamente recuperar parte das áreas degradadas e proteger as nascentes existentes nas Aldeias representadas pela TIX. Os rios existentes nesta região da terra indígena secaram (Figura 6.4) devido à má utilização dos recursos hídricos, combinada com a falta de chuva dos últimos anos. Na minha opinião, não é possível precisar as causas da seca dos rios sem uma investigação mais profunda do histórico da região.

Figura 6.4 – Leito de Rio Seco no Interior da Terra Indígena.



Fonte – A autora (2022).

Segundo Fabriciane, a causa da seca dos rios na região são a utilização do rio de forma incorreta para plantio e criação de gado pelos próprios indígenas. Na região se plantava banana, cana e goiaba, por exemplo. No entanto, pela forma como a vegetação na área cercada se encontra, não há evidências de terem sido realizados plantios com extensões que justificassem a extinção de mais de um rio na região. Isso faz com que eu desconfie que a falta d'água está mais relacionada com queimadas que houveram na região. A mais séria delas atingiu a área da cabeceira de um dos principais riachos. O riacho tinha água corrente o ano inteiro. Um dos objetivos do projeto é cercar o olho d'água que existe na região para que ele não seque.

Segundo Dona Alvina, que também acompanha as atividades da Associação, as queimadas que ocorreram e ocorrem dentro da TIX parecem criminosas. Nunca foi possível identificar os responsáveis e os estragos são imensos, pois o fogo se alastra rapidamente e levam-se dias para conseguirem apagar. Os indígenas não entendem o interesse dos responsáveis por colocar o

fogo, mas a sensação que se tem é de que o intuito é de apenas destruir, tornando cada vez mais difícil a manutenção da vida indígena no local.

Entramos em uma das áreas cercadas para a proteção de nascente. O objetivo deste trabalho é isolar a nascente de forma que o gado não tenha acesso às mesmas e proteger a vegetação do entorno das nascentes. Além de proteger a nascente, o cercamento acaba atuando na proteção da vegetação nativa. Ao acessar uma das áreas cercadas pudemos encontrar algumas plantas utilizadas pela comunidade Xakriabá em sua alimentação e para fins medicinais, como o Buriti (Figura 6.5).

Figura 6.5 – Palmeira de Buriti.



Fonte – A autora (2022).

O Buriti é o fruto que, não por acaso, faz parte do nome da aldeia que estou visitando. Ao verem o Buriti, todos ficam alegres e comentam as várias formas de se consumir a fruta: “a gente tira a poupa e ele é bom com leite, com água, pra fazer doce”. Deu pra sentir o quanto dão valor à preservação dessa árvore e o quanto estavam contentes pelo trabalho realizado naquela área. Mais tarde fui entender que o Buriti se desenvolve melhor em locais com bastante disponibilidade de água, como é o caso da vereda onde foi feita o cercamento.

Também visitei o viveiro de mudas, cuja estrutura foi implantada com auxílio financeiro da Funai. O viveiro e as ações de cercamento foram construídos por moradores da comunidade Xakriabá. O projeto previu uma verba para remunerar parte da mão de obra empregada nessas atividades, fazendo a economia circular na TIX. Além disso, essa verba representa uma forma de incentivo para que a população participe das ações da Associação e, dessa forma, contribuam continuamente para os projetos de preservação e recuperação do Cerrado desenvolvidos.

Segundo os membros da AIXARBA, nas ações da Associação para esse projeto, as mulheres foram bem presentes e atuantes. No geral, as atividades realizadas pelas mulheres são atividades menos braçais como o fornecimento de alimentos e limpeza das áreas, por exemplo. Contudo, as atividades são livres, homens e mulheres escolhem o que querem fazer quando a ação está acontecendo; as divisões das atividades ocorrem de forma orgânica.

Figura 6.6 – Viveiro de mudas concebido pelo projeto da AIXARBA.



Fonte – A autora (2022).

Neste dia também pude conhecer o espaço Casa das Polpas que é parte de outro projeto da AIXARBA. A população é convidada a colher frutos do Cerrado (tanto de seus quintais quanto da mata) para a produção de polpa. Parte da polpa produzida é direcionada à quem contribuiu com frutos e o restante é vendido para arrecadar renda para a Associação. Nessa atividade, as mulheres são maioria participante, elas participam tanto da colheita quanto na confecção das polpas e no embalado delas.

Figura 6.7 – Casa de Polpas - Aldeia Pindaíbas.



Fonte – A autora (2022).

Depois desse dia produtivo, eu estou muito, muito triste que meu tempo na aldeia está acabando. Me sinto expandida, pois vejo que eu não conseguiria captar o tanto de informação que captei estando aqui presencialmente. A cena mais impressionante pra mim hoje foi ver um espaço onde existia rio e que hoje está completamente seco. Essa imagem justifica a importância desses projetos. Além disso, fiquei muito comovida com a questão das queimadas que, muito provavelmente são criminosas e tem o intuito de destruir o que os indígenas têm tentado preservar.

A Despedida da Aldeia

O meu último dia na TIX me trouxe uma emoção muito grande. Eu estou extremamente feliz por estar fazendo este trabalho e também muito grata pelas pessoas que conheci. Eu concluo que, de fato, o tempo foi curto e que eu tenho muito mais o que conhecer dentro da TIX que é

tão grande. Aceito que os materiais que coletei serão suficientes para meu Trabalho de Conclusão de Curso, mas, definitivamente, essa pesquisa merece uma continuidade e um aprofundamento maior de forma a conseguir captar as visões de outras aldeias.

Visitei a escola novamente, desta vez no período da manhã. O clima é bem diferente do período da noite, já que agora tive contato com crianças e adolescentes do ensino fundamental e médio. Acompanhei a aula de cultura indígena, ministrada pela professora que entrevistei e pude ver a fabricação de colares de sementes de Pau-Brasil (Figura 6.8), uma das expressões dos Xakriabá que se torna fonte de renda para artesãos locais.

Figura 6.8 – Confeção de colares por alunos e professoras da escola indígena



Fonte – A autora (2022).

Tive a oportunidade de entrevistar outro professor da escola, João, que me confirmou a ideia que eu tinha sobre a educação ser um importante meio para a proteção do Cerrado. Além disso, pude ver a importância do acesso indígena às universidades, uma vez que os estudantes indígenas trazem para suas aldeias as práticas e tecnologias que aprenderam fora da TIX para melhoria dos processos internos.

Conversei com duas senhoras que me contaram um pouco do passado da Terra Indígena Xakriabá. Elas me contaram que, quando eram crianças, os Xakriabá viviam do que plantavam, em especial o milho. Faziam fubá, canjica e outros derivados do milho para utilizarem na alimentação. As mulheres eram responsáveis pelos trabalhos domésticos que incluíam cuidar dos filhos, da casa e trabalhar na roça. O trabalho na roça envolvia cuidar das plantações, realizar a colheita e pisar o milho – processo de moagem do milho utilizando-se um pilão.

Para plantar, o costume era descampar uma área para plantar “e não tinha isso de usar máquina e nem veneno, era tudo na mão”. Elas contam que se retirava a vegetação nativa de uma pequena área, utilizando-se foice e machado, para se plantar milho e arroz. Quando a terra naquele primeiro lugar começava a ficar “cansada”, eles deixavam aquela região para que a vegetação se recuperasse naquele local e então partiam para uma segunda área. Ambas se emocionaram contando suas histórias e como era prazeroso desenvolver as atividades da roça.

Uma das senhoras me contou que o rio era muito usado pelas mulheres: lavavam roupa, utilizavam-na para aguar as plantas e para banharem a si e a seus filhos. O sabão era feito de forma artesanal, sem produtos químicos pesados. Esse era um momento importante para as trocas de experiência entre as indígenas. Ficou ainda mais evidente como a falta de água afetou os costumes da população que utilizava o rio para sua subsistência, para seu lazer e cultura.

Elas acreditam que a falta de água na região é, principalmente, devido à mudança no regime de chuvas. Contam que antigamente chovia de setembro a março, aproximadamente e recentemente tem-se chovido cerca de 2 meses no ano. Um outro morador da TIX me contou que visitou a área onde a Associação fez uma barragem para reter a água da chuva e contribuir para a recarga do lençol freático. Segundo ele, a área de um brejo que existia no local está com o nível de água mais elevado, comparado com anos anteriores. Os indígenas têm esperanças de que este brejo volte e enfatizam sempre sobre a importância da preservação da natureza para que os cursos d’água da região sejam recuperados.

Hora de ir embora. Me despeço das pessoas que conheci com entusiasmo de querer fazer um bom trabalho, que orgulhe as mulheres que me acolheram tanto nesses dias que aqui passei. Reflito sobre a importância de políticas públicas que olhem para as comunidades tradicionais não só a fim de levar a elas os recursos físicos para uma vida digna, mas também recursos que permitam que, cada vez mais, suas culturas se fortaleçam.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

7.1 Importância da Preservação do Cerrado

Na natureza há um equilíbrio entre os elementos bióticos e abióticos que formam os ecossistemas, sendo assim, a alteração em um elemento do ecossistema pode causar impactos em outros. Dependendo da magnitude da interferência em um ecossistema, ela pode desencadear alterações em outros ecossistemas, mesmo que haja certa distância entre eles. Por isso, para se discutir a respeito da importância do Cerrado é importante ter muito claro que todos os ecossistemas do mundo estão correlacionados, de alguma forma, compondo o que chamamos de Biosfera.

Os impactos causados no Cerrado, sejam eles positivos ou negativos, podem modificar a vida não só dos seres que vivem próximo à fonte do impacto, mas também suas adjacências. A importância preservação do Cerrado está relacionada não apenas com seus recursos naturais e sua biodiversidade, mas também com os serviços advindos dos ecossistemas que o compõem. Por meio da observação participante pude perceber que os indígenas Xakriabá têm muito enraizada a importância de se preservar os recursos naturais como forma de manutenção da vida no território.

Para eles, o Cerrado é como se fosse uma extensão de suas casas ou de si próprios. Tem-se uma noção coletiva de que os espaços de mata preservada são de todos e, portanto, todos devem respeitar e cuidar para que todas as gerações tenham acesso e desfrutem dos recursos que o bioma oferece. As mulheres Xakriabá se preocupam muito em manter os recursos preservados, como conta Alvina:

Então às vezes a gente bate muito na tecla, não destrói, [...] não desmata pelo amor de Deus, né? As mulheres as vezes elas preocupa bastante com essa parte, a preocupação da gente é que as gerações futuras elas não vão conhecer muito assim uma vegetação que seja uma vegetação saudável né? Primária (Alvina).

Ao conviver poucos dias com os indígenas, fica claro que o que eles buscam é a melhor forma de proteger e restaurar os recursos do Cerrado para que vivam em equilíbrio com o bioma a partir dos serviços que ele fornece. Os Xakriabá buscam se desenvolver economicamente a partir dos recursos do Cerrado, contudo, eles se preocupam continuamente em utilizar apenas o necessário para sua subsistência e em restaurar o que se foi perdido.

As possibilidades de desenvolvimento econômico na TIX estão relacionadas à agricultura familiar e ao artesanato. Ambas as atividades econômicas dependem diretamente dos recursos do Cerrado: a primeira pois requer disponibilidade de água e uma boa qualidade do solo; a segunda porque é desenvolvida a partir de frutos, folhas e demais elementos naturais do bioma. Na Aldeia Riacho dos Buritis e em suas adjacências, os indígenas têm desenvolvido pouca ou nenhuma atividade de plantio devido à falta d'água que atinge a região.

A falta d'água é uma das questões que mais afeta os indígenas atualmente, pois ela está relacionada não só ao desenvolvimento econômico da comunidade, mas também à sua sobrevivência, como nos conta Alvina: “quando na época da seca, por exemplo, já vem o sofrimento da falta de água. A mulher está sofrendo também. Né? Ela está sabendo que realmente a falta de água ela acaba afetando tudo. As plantações, os animais, a gente mesmo né? Que em primeiro lugar né?” (Alvina).

Alvina destaca que o desenvolvimento de atividades de plantio influenciaria não só a questão de subsistência, mas também contribuiria para a saúde psicológica dos indígenas. Isso porque, a falta de alternativas de fonte de renda no interior da TIX acaba afetando também o psicológico das famílias que precisam buscar outras formas de prover a família, muitas vezes trabalhando fora das aldeias. Esse é um dos fatores que reforça a importância e a necessidade de desenvolver ações de proteção do Cerrado e de seus recursos naturais.

Eu acho que tinha que ter esse trabalho aonde que a gente produzisse o próprio alimento porque né meio de sobrevivência. Aí acaba ajudando as duas coisas, ajuda o psicológico né? Ajuda o meio de sobrevivência mesmo, o desenvolver das famílias dentro da comunidade (Alvina).

No caso do artesanato, ele não só é uma possibilidade de fonte de renda para a população, como também uma representação importante da cultura Xakriabá. O artesanato, geralmente feito com elementos do Cerrado – são usadas sementes, barro (solo) ou folhas –, carrega consigo os valores simbólicos, pois cada peça produzida carrega com si parte do território (CORREA XACRIABÁ, 2018). Para os Xakriabá, as relações que se tem com o Cerrado durante o processo de produção é tão importante quanto o produto e a renda trazida por ele.

Isso se deve à noção que os indígenas possuem de que o território não é apenas o lugar onde se mora o corpo, mas onde a alma deles reside (CORREA XACRIABÁ, 2018). Assim, não há como existir desenvolvimento econômico se a cultura for deixada de lado. Da mesma forma,

não é possível produzir sem pensar na manutenção e na preservação dos recursos naturais disponíveis. Para os indígenas a preservação do Cerrado é regra, preserva-se porque é sagrado, porque é de onde se tira o alimento, a cura, a água e, portanto, é ele o grande responsável pela manutenção do território.

O Cerrado ele se torna uma coisa muito sagrada pra nós, sagrada mesmo. Aí a gente tem aquele amor, a gente não quer ver destruição. Quando você passa numa numa estrada, né? Por exemplo, você entra no mato e você vê uma erva medicinal morrendo, que você vê uma planta que ela é uma alimentação morrendo, a gente fica muito triste. [...] então isso é um pouco da gente que está morrendo (Alvina).

Outra razão pela qual os indígenas valorizam muito o Cerrado é pela preocupação em se manter as plantas medicinais encontradas no bioma, conforme destaca Alvina: “Também há remédios, né? que a gente coleta também as raízes, né? As folha, as ervas do cerrado pra gente estar fazendo o nosso chás, as nossas curas, né?” (Alvina.). O Cerrado é um bioma muito rico em ervas medicinais que são parte da cultura indígena, mas que também representam um potencial de descobertas científicas em relação a novos fármacos.

A riqueza do Bioma Cerrado constitui de espécies medicinais que devido às suas características morfológicas, com xilopódios⁶ e cascas que acumulam reservas que frequentemente possuem substâncias farmacologicamente ativas. Através do conhecimento empírico tradicional desses vegetais tem sido feitas descobertas benéficas à medicina (ROBERTO E MARTINS, 1996 *apud* MELO 2011, p. 4).

Portanto, a importância da preservação do Cerrado para os Xakriabá está relacionada com o entendimento da importância do bioma para a manutenção da vida e da cultura indígena. Contudo, a dimensão da importância do bioma em foco se expande para além das necessidades Xakriabá, pois ele é elemento fundamental para o equilíbrio da vida no país e, portanto, no planeta. Diante disso, ações que visam a proteção do Cerrado tornam-se indispensáveis para o equilíbrio da vida no planeta.

7.2 Práticas Cotidianas de Proteção do Cerrado

Identificou-se que dois principais espaços onde são desenvolvidas práticas para a proteção do Cerrado são a Associação e a escola indígena. Em ambos os espaços as mulheres Xakriabá

⁶ São sistemas subterrâneos de alto poder germífero, comuns em diversas espécies de cerrados e campos brasileiros. Podem ser formados por caule e raiz. Após a seca ou queimada, as plantas rebrotam seus ramos com folhas e flores a partir dos xilopódios (LIMA; SILVA; CASTRO, 2006).

atuam de maneira expressiva. Nos últimos dois mandatos para composição da diretoria da Associação, foram eleitas mulheres para ocupação dos cargos de presidente e vice-presidente. No ambiente escolar, as mulheres são maioria e ocupam tanto os cargos de professoras quanto demais posições (diretoria, supervisão, serviços gerais e outros).

As atividades desenvolvidas na AIXARBA estão relacionadas com demandas das aldeias que representa e com a preservação de seu território – e conseqüentemente do meio ambiente. À medida que surgem editais ou oportunidades de fomento para o desenvolvimento de atividades na TIX, os membros da Associação elaboram um escopo de projeto a ser desenvolvido e o submetem a avaliação. Uma vez aprovada a verba, o projeto entra em execução e a população indígena se mobiliza para o desenvolvimento das atividades.

Os projetos, em geral, reúnem uma série de atividades que são executadas não só pela diretoria da Associação, mas também pelos associados. Os membros da diretoria realizam o gerenciamento da execução dos projetos, cada um na especificidade do cargo que exerce (presidente, secretário(a), fiscal, entre outros). Os associados, por sua vez, podem participar das atividades conforme o interesse, quando convidados pela diretoria ou nos mutirões promovidos pela Associação.

Os moradores das aldeias representadas pela AIXARBA podem participar, de forma voluntária, dos projetos desenvolvidos, seja se envolvendo com alguma atividade fixa e constate, seja participando de mutirões. Embora os trabalhos na Associação sejam majoritariamente voluntários, a depender do projeto e da verba fornecida, a diretoria pode prever uma remuneração por determinados serviços. Dessa forma, contrata-se a mão de obra que é desenvolvida por moradores das aldeias representadas pela AIXARBA.

Atualmente, a maior parte dos projetos desenvolvidos pela Associação é voltada para a resolução de problemas ambientais que afetam as aldeias.

Então aqui na nossa associação a gente tem desenvolvido várias atividades. Só que as atividades que a gente mais realiza aqui é voltado pro meio ambiente, na questão da recuperação do Cerrado. [...] foi realizado vários mutirões pra fazer o plantio de mudas nas nascentes que foram cercadas, e foi um ganho muito grande pra nossa comunidade (Marinete).

A partir dos projetos são desenvolvidas uma série de atividades e cada uma possui seu objetivo. Uma das demandas mais urgentes dessa parte do território é a escassez de água. Os cursos d'água dessa região secaram e atualmente a distribuição de água ocorre principalmente por água de poços artesianos. Por isso, os indígenas entendem como uma prioridade incluir nos projetos atividades que visam a recuperação de nascentes e a recarga de aquíferos, conforme é destacado por Fabriciane:

O tema principal que a gente sempre discutia é com as comunidades era a questão da água e das nascentes que estavam secando no território [...] A gente teve também a construção de barragem subterrâneas em uma vereda em que faz uma escavação, coloca a lona no solo e tampa com a mesma terra, é tipo uma valeta. Que é pra tentar subir o lençol freático e acumular água pra tentar voltar o brejo (Fabriciane).

Nos cercamentos, atividade citada anteriormente por Marinete, são construídas cercas que visam isolar a mata ciliar e o entorno das nascentes evitando tanto a intervenção humana quanto a presença de criações de gado nessas áreas. A proteção dessas áreas é importante pois a vegetação exerce função protetora sobre os recursos hídricos, agindo como forma de evitar erosão e degradação no entorno das nascentes (ZANZARINI; ROSOLEN, 2007). Esse tipo de projeto é de extrema importância para os Xakriabá não apenas no que diz respeito a sua subsistência, mas também a sua cultura, como será esclarecido adiante.

Outra atividade realizada pela AIXARBA foi a construção de duas barragens subterrâneas na região. A “barrajinha”, como eles chamam, intercepta parte da água da chuva que escoar superficialmente e dentro do solo. Assim, a água consegue infiltrar lentamente no solo, elevando o lençol freático (DA SILVA, 2001). Segundo os Xakriabá, esse foi um projeto que já deu ótimos resultados, como destaca Marinete: “o resultado já está também à nossa vista também. Com a chuva a água está voltando, inclusive a cisterna já está no nível máximo que ela pode” (Marinete).

A esperança da população Xakriabá é que os cursos d'água sejam recuperados de forma gradativa, até que fiquem tão abundantes quanto os mais velhos contam que eram. É importante destacar que o trabalho de recuperação de cursos d'água e aquíferos impacta diretamente não só as aldeias representadas pela AIXARBA, mas toda região em seu entorno. Ao pensar de maneira mais ampla, ao buscar recuperar recursos hídricos do Cerrado, os Xakriabá estão contribuindo para a recarga hídrica de todo o país, afinal, o referido bioma desempenha papel fundamental na distribuição de recursos hídricos pelo Brasil.

Outra atividade desenvolvida pela Associação é o plantio de mudas. Recentemente foi construído um Viveiro de Mudas onde se pretende plantar mudas e sementes para diferentes fins. O objetivo de se ter um viveiro é cultivar mudas que serão distribuídas para: i) reflorestar as áreas de cercamento; ii) os associados plantarem em seus quintais e; iii) as escolas desenvolverem projetos com os alunos.

As plantas escolhidas inicialmente pelo projeto foram árvores frutíferas, principalmente de frutos nativos do Cerrado e hortaliças. O viveiro é um local que precisa de manutenção constante e de colaboradores que realizem diariamente a rega das plantas. Geralmente as mulheres da comunidade que se encarregam de cuidar de aguar as plantas. As mudas são plantadas, cuidadas e mantidas no viveiro até que estejam no tamanho ideal para serem transplantadas.

Nas áreas cercadas, foram transplantadas mudas com o objetivo de reflorestamento e adensamento da vegetação local como parte do processo de regeneração da área preservada pelo cercamento. Optou-se por plantar apenas mudas de plantas nativas do Cerrado. Esse trabalho foi feito com ajuda da população indígena, em especial das mulheres da comunidade que participaram não apenas no gerenciamento do projeto (enquanto membras da Associação), mas também no plantio de mudas e no preparo de alimentos.

Todos os trabalhos que a gente tem realizado aqui na associação as mulheres está sendo presente. [...] sempre tem alguém da comunidade pra contribuir também nesse plantio e também na continuidade de molhar as mudas e geralmente é as mulher que também faz esse trabalho. [...] Está sempre presente também nos preparos de alimentos, nos mutirão que acontece aqui na comunidade (Marinete).

Essa fala reforça o importante papel que as mulheres Xakriabá vem desenvolvendo para a proteção do Cerrado. A recuperação de áreas degradadas visa minimizar os impactos ambientais existentes, permitindo que os recursos bióticos e abióticos sejam reintegrados, mantendo o equilíbrio do bioma. O plantio de mudas contribui também para evitar a erosão e o empobrecimento do solo da região. Dessa forma, as mulheres contribuem para a manutenção do Cerrado para as gerações futuras (DA LUZ OLIVEIRA; DAYREL, 2021).

Houve também a distribuição de mudas aos associados que ocorreu como uma forma de contrapartida à comunidade devido aos esforços investidos nos mutirões. As mudas foram distribuídas ainda para as escolas das aldeias, essa ação representa a integração entre as escolas

da comunidade e a Associação. Atualmente a escola indígena é um espaço intercultural em que a cultura indígena passa a ser agregada de maneira formal à cultura não-indígena.

O Plano Nacional de Educação Escolar Indígena (PNEEI) é um planejamento intergovernamental da Educação Escolar Indígena (EEI) e um de seus objetivos é organizar a educação indígena com a participação dos povos indígenas, observando sua territorialidade e respeitando suas necessidades e especificidades. Dessa forma, além da estrutura curricular não-indígena tradicional, a escola indígena Xakriabá possui disciplinas que buscam valorizar sua cultura e fortalecer suas práticas, como por exemplo as disciplinas de Língua Akwê Xakriabá, de Cultura Indígena e de Gestão Ambiental.

Nas escolas Xakriabá, “o quadro de funcionários é composto por pessoas indicadas pela própria comunidade, com o aval de caciques e lideranças” (NEVES; SILVA, 2020, p. 35). Nesse contexto, os professores têm um papel importante na comunidade, pois também são vistos como lideranças e são grandes responsáveis por transmitir os conhecimentos tradicionais, além dos conhecimentos previstos na estrutura curricular. A escola é um ambiente onde a partir do convívio diário, da observação, da imitação e da oralidade são repassados elementos culturais que se perpetuam ao serem passados de geração em geração.

A escola é o espaço social e o local onde o aluno dará sequência ao seu processo de socialização. O que nela se faz, diz e valoriza representa um exemplo daquilo que a sociedade deseja e aprova. Comportamentos ambientalmente corretos devem ser aprendidos na prática, no cotidiano da vida escolar, contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis (PONTALTI, 2005, p. 1).

Nas disciplinas de Gestão Ambiental e Cultura são realizadas atividades de conscientização ambiental dos alunos, onde são desenvolvidas atividades de educação ambiental e reflexões sobre questões ligadas à território. Contudo, a temática ambiental, que está intimamente ligada à manutenção do território Xakriabá, é discutida não só nestas disciplinas. Na escola indígena são desenvolvidos trabalhos interdisciplinares, oficinas e passeios cujo objetivo é fazer com que os alunos desenvolvam um pensamento crítico sobre como solucionar os problemas existentes no território indígena e como valorizar os recursos naturais existentes no mesmo.

A gente desenvolve uns trabalhos no ensino médio desde 2018. São trabalhos interdisciplinares. A gente separava duas semanas pra discutir questões relacionadas

ao nosso território que são questões problemas e todas as questões problema era mais direcionada para a questão do meio ambiente (João).

Na fala acima, João comenta sobre o trabalho desenvolvido com alunos do Ensino Médio, mas as discussões sobre preservação do Cerrado são desenvolvidas com alunos de todas os anos. Ele cita também outras formas de se trabalhar a questão ambiental e territorial com os alunos: “[...] a gente sempre trabalhou plantas medicinais, a questão do desmatamento, a questão do uso dos agrotóxicos, cercamentos de nascente, reflorestamento, a gente já levou alunos, pras áreas de plantio, né?” (João). Esse relato evidencia a forma como os projetos da Associação se relacionam com os trabalhos desenvolvidos nas escolas.

A proteção do Cerrado é inserida continuamente no dia a dia dos alunos pelos professores que utilizam o próprio território como sala de aula. Os professores também utilizam tanto os espaços da AIXARBA quanto os protegidos por ela para desenvolver trabalhos e demonstrar aos alunos formas possíveis de preservação ambiental. Isso reforça a Associação como espaço para o desenvolvimento de ações para a proteção do Cerrado, uma vez que é referência para os alunos e para todo o restante da comunidade.

Dona Alvina, uma das professoras entrevistadas destacou que percebe que o entendimento sobre a importância do Cerrado também é trazido em conversas cotidianas que ocorrem na escola, os alunos vão se conscientizando a respeito da importância dos elementos naturais para a manutenção da vida de sua comunidade. Ainda segundo a professora, a partir desses diálogos vai-se gerando um sentimento de amor muito grande pelo Cerrado que é passado de geração em geração.

Portanto, os alunos participam ativamente dos projetos desenvolvidos na comunidade, além de serem estimulados a diagnosticar e buscar soluções para os problemas ambientais do contexto em que estão inseridos. Assim, a escola também se destaca como espaço onde são realizadas ações de proteção do Cerrado a partir da conscientização e sensibilização dos alunos a respeito da necessidade de se preservar o bioma e seus recursos naturais.

Vale ressaltar que os trabalhos desenvolvidos nas escolas visam manter os pais dos alunos envolvidos. Ao longo do ano são desenvolvidas feiras para a apresentação das pesquisas feitas pelos alunos ao longo dos meses. Além disso, os alunos são estimulados a conversarem com os

mais velhos de suas famílias, promovendo um momento de reflexão familiar acerca dos temas que envolvem a proteção do território e do Cerrado.

As visitas feitas com os alunos nas áreas de cercamento e demais áreas protegidas e mantidas pela Associação têm como objetivo despertar o interesse dos alunos para as temáticas discutidas naqueles espaços e fazer com que eles levem os assuntos para casa para discutirem com os pais. Essa também é uma forma de divulgar para a comunidade sobre os trabalhos desenvolvidos pela Associação e visa estimular os adultos a participarem também das ações da Associação.

7.3 Atividades Agroecológicas Feministas

Na Aldeia Riacho dos Buritis, nos últimos anos as mulheres têm ocupado posições de lideranças que antes eram ocupados majoritariamente por homens. Pude observar três fatores principais que contribuíram para esta mudança na comunidade indígena: i) o ingresso das mulheres indígenas em espaços acadêmicos e ii) o empoderamento das indígenas iii) a presença das mulheres em atividades políticas.

No que tange a inserção dos indígenas em espaço acadêmicos, o número de alunos indígenas matriculados em cursos de graduação cresceu consideravelmente nos últimos anos, passando de 9.756 alunos em 2011 (INEP, 2011) para 47267 em 2020 (INEP, 2020). Esse aumento ocorreu, principalmente, pela implantação de políticas de cotas em 2012, mas também pode ser atribuído ao esforço individual e coletivo dos indígenas que lutaram pelo seu espaço nas Instituições de Ensino Superior (IES). A presença dos povos indígenas nas IES é fundamental para a construção de um novo olhar e novas formas de pensar sobre as realidades indígenas.

Para as mulheres Xakriabá, a educação superior contribui para seu desenvolvimento técnico, mas também para a construção de uma nova perspectiva, onde elas conseguem enxergar a importância de sua participação para o desenvolvimento da comunidade. A troca de experiência com culturas não-indígenas permite que elas reflitam, inclusive, sobre as mudanças que querem na Aldeia e essas pautas são levadas às lideranças indígenas para serem discutidas com toda comunidade.

Essa busca pelo conhecimento formal também contribui para melhorar a confiança das indígenas ao desempenhar as atividades na TIX, mas a sabedoria tradicional nunca é deixada de lado. O conhecimento formal não é visto como superior ao tradicional, mas sim como complementar. Um importante lema dos indígenas é o “um pé na aldeia e um pé no mundo”

que transmite justamente a ideia de que a busca pelo conhecimento fora da TIX não anula, exclui ou modifica as raízes culturais dos Xakriabá.

Era o meu sonho, né? Formar. Quando eu tava estudando eu ficava pensando assim: eu quero formar e voltar lá pro meu território. Só que aí assim, quando a gente forma a gente fica inseguro né? ‘Ah eu não sei nada, será que eu vou saber trabalhar?’ E esse projeto [da Associação] foi uma oportunidade de eu aprender na prática, com os mais velhos, porque a gente sabe que o pessoal mais velho tem mais experiência, já conhece ali no dia a dia e de conhecimento mesmo do Cerrado (Fabriciane).

Este processo de construção de conhecimentos formais e de amadurecimento da visão de seu papel na terra indígena também gera na mulher uma mudança na forma de se perceber. A partir disso elas se tornam mais confiantes para se posicionarem e ocuparem novas posições de liderança na Aldeia. A fala de João, a seguir, destaca esta percepção.

Ela [a mulher] foi responsável por muita coisa, né? O desenvolvimento de muita questão aqui dentro ela foi vindo através da educação. O que a gente estudava lá fora a gente vinha e passava pras lideranças e organizava junto das lideranças pra tomar decisões, pra reivindicar necessidade, demandas. E boa parte desse pessoal que estudava lá fora era mulheres.

Então desde quando elas começaram entrar na educação como professora – por que o professor aqui dentro ele também é um líder né? Uma liderança – e também por elas ser um público maior de estudantes, são mulheres né? Então são as pessoas mais preparadas pra quando formar o ensino médio poder ir pra fora, se profissionalizar e voltar pra atender as demandas aqui. Então a partir disso elas também foi ganhando seus espaços (João).

A partir disso, a organização das mulheres no território passa a ocorrer de maneira muito orgânica. A partir das reuniões e eventos sociais nas aldeias e de sua participação na escola elas trocam experiências e refletem sobre o papel de cada uma para a proteção de suas famílias, do Cerrado, de seu território e da comunidade como um todo.

Isso pra mim é gratidão e mostra que eu tenho força, que as mulheres da minha comunidade também tem força pra estar buscando uma qualidade de vida melhor pro nosso povo. Esse papel não é só dos homens, mas também temos a nossa importância e o nosso papel e a gente está conseguindo se sobressair em todos os projetos tanto na comunidade quanto na escola todas as atividades dentro do território (Marinete).

O feminismo nos leva a questionar estruturas de poder que definem relações sociais hegemônicas e surge, assim como a Agroecologia, como respostas a injustiças sociais e destruição ecológicas existentes na contemporaneidade (MONTIEL; FERRE; ROCES, 2020). Assim, vai-se construindo na TIX a perspectiva de que as mulheres possuem as mesmas condições e direitos que os homens. Neste contexto, tão importante quanto o empoderamento das mulheres Xakriabá é a aceitação das mudanças propostas por elas nas aldeias.

A partir dos dados empíricos e de observação participante, entende-se que a população reconhece o protagonismo que as mulheres sempre tiveram no território e esse reconhecimento cresce à medida que elas atingem novos espaços. A associação é um desses espaços que as mulheres Xakriabá vêm ganhando no TIX. Na AIXARBA as mulheres demonstram a importância de sua participação nas atividades cotidianas que envolvem a proteção de seu território.

É importante ressaltar que a Associação é também um espaço político importante para a organização e para o desenvolvimento das aldeias. Nela, as mulheres se envolvem em todos os projetos, seja à frente da gestão do projeto (por meio da participação na diretoria da AIXARBA), seja contribuindo para os mutirões.

E antes as mulheres ela ficava mais no seu cantinho, né? Mais em casa. Hoje eu como mulher eu sinto que hoje eu represento meu povo comunidade e que as coisas estão desenvolvendo bastante com a participação das mulheres nas atividades da comunidade, na busca dessas parcerias pra dar continuidade no trabalho da associação (Marinete).

Cada vez mais elas incentivam umas às outras a participarem das ações de proteção do Cerrado e das discussões a respeito das melhorias necessárias à comunidade, como destaca Fabriciane: “a gente está conseguindo sobressair e as outras mulheres fala ‘ah se fulana conseguiu, eu também dou conta’. E a gente sempre incentiva né?” (Fabriciane). Os esforços das mulheres estão voltados atualmente para a recuperação dos recursos naturais para que seja possível resgatar parte de sua cultura que está ligada ao plantio para subsistência.

Como mencionado no item 7.1, as mulheres atuam na plantação de mudas, na construção de cercamentos e barragens que visam a recuperação de áreas degradadas e dos cursos d’água na TIX. Mas mais do que isso, elas possuem um plano de contínuas ações para o manejo da biodiversidade do Cerrado por meio da seleção de sementes para a constituição de um banco

de sementes e pelo plantio de mudas nas áreas cercadas. Tem-se também a intenção de, uma vez recuperados os cursos d'água, colocar em prática a produção de alimentos de forma segura em suas aldeias.

Embora as indígenas Xakriabá não caracterizem, necessariamente, suas práticas como agroecológicas, todas as atividades desenvolvidas por elas seguem os preceitos da Agroecologia. Um exemplo claro disto é o trabalho desenvolvido na Casa de Polpas - Aldeia Pindaíbas, como relata Marinete: “Na associação a gente tem uma pequena de despoldadeira de frutos, geralmente as mulher que faz um trabalho de coleta dos frutos, produz as polpa” (Marinete).

Na época certa para cada fruto, é feito um mutirão em que toda comunidade é convidada a colher frutos em seus quintais e em áreas de mata. Na Casa de Polpas, as mulheres produzem polpas com frutos típicos do Cerrado. Mais recentemente, as mulheres têm desenvolvido iniciativas para consolidar o trabalho desenvolvido na Casa de Polpas, como a distribuição de mudas de frutas típicas para associados da AIXARBA, por exemplo.

Além disso, o plantio de mudas de frutíferas nas áreas de cercamento também foi uma estratégia que visa aumentar a quantidade de frutos colhidos a longo prazo. As indígenas esperam que com a produção de polpas seja possível arrecadar renda para que a Associação invista em seus projetos. Essa é uma forma de girar a economia local e de incentivar a proteção dos recursos do Cerrado, pois reforça os motivos para a população preservar as áreas de mata.

As indígenas, em suas práticas diárias, exercem os princípios da Agroecologia Feminista de maneira muito natural, pois pra elas esses princípios foram enraizados em cada uma por sua cultura. A mata é vista como um local sagrado, que merece respeito, pois é ela quem protege os rios, é dela onde se tira o alimento, a erva medicinal, os materiais para fazer o artesanato. Elas compreendem a importância de se manter a biodiversidade dos ecossistemas e de realizar o manejo ambiental para estabelecer um equilíbrio entre vegetação, solo, água e todos os outros elementos que compõem o Cerrado.

Para as Xakriabá, o Cerrado é uma extensão de suas casas e a valorização do Cerrado vem a partir do entendimento de que destruir o bioma é destruir a si próprio, como mencionado por Alvina, “é um pouco da gente que está morrendo”. Assim, os trabalhos desenvolvidos pelas mulheres sempre têm como foco a busca por um equilíbrio. Elas têm a intenção de desenvolver

a melhoria da integração dos elementos dos agro-sistemas (plantas, animais, árvores, solo, água, etc.) e os processos ligados à alimentação (como o plantio, o processamento e a distribuição de alimentos, por exemplo).

Ao resgatar a memória da forma como se plantavam, por meio da conversa com mulheres Xakriabá mais velhas, foi possível perceber que a mulher sempre dividiu com os homens as atividades da roça, além de serem responsáveis por cuidar dos filhos e da casa - o que reforça a caracterização de suas práticas como agroecológicas feminista. Em meus contatos com as indígenas, percebia que elas tinham dificuldades de contar como o papel que elas desempenhavam impactava sua comunidade. Por isso, infere-se que as mulheres não se enxergavam como protagonistas no que diz respeito à manutenção do território e da cultura indígena, o que reforça a importância de se discutir a respeito deste tema.

8 CONCLUSÃO

Esta pesquisa objetivou compreender como as mulheres indígenas Xakriabá da Aldeia Riacho dos Buritis atuam na proteção do Cerrado por meio de suas práticas cotidianas. Portanto, realizou-se a coleta de dados descritivos que permitissem responder os seguintes objetivos específicos: i) discutir a importância de ações que visam a preservação do Cerrado e a manutenção de seus recursos naturais; ii) compreender as práticas cotidianas das mulheres Xakriabá para proteção do Cerrado; iii) avaliar como as atividades desenvolvidas pelas mulheres Xakriabá em seu território se aproximam do conceito de agroecologia feminista.

Nos capítulos 5 e 6, apresentamos o contexto da população estudada e os resultados da observação participante que nos permitiram, no capítulo 7, responder aos objetivos da pesquisa. No item 7.1, discutiu-se algumas das diversas particularidades do Cerrado que o tornam tão importante e, conseqüentemente, fazem com que seja imprescindível o desenvolvimento de ações de proteção deste bioma. Também foi possível entender a importância da proteção do Cerrado para os povos indígenas, os quais se evidenciam como protetores do bioma.

Identificou-se as práticas cotidianas dos indígenas Xakriabá, em especial as desenvolvidas na escola e na Associação Indígena, que contribuem para a recuperação e preservação do Cerrado, conforme apresentado no item 7.2. Por fim, apresentamos, no item 7.3, como o *modus operandi* adotado pelas indígenas Xakriabá seguem os preceitos da Agroecologia Feminista.

A partir dos dados desta pesquisa verificou-se que a relação dos Xakriabá com os recursos naturais é mediada por uma “práxis simbólica e cultural específica” (PIMENTA, 2003. p. 128). Ao contrário do praticado pelos não indígenas, os indígenas não buscam o Desenvolvimento Sustentável por entenderem a natureza como um recurso a ser explorado. Para eles, o Desenvolvimento Sustentável é uma consequência natural da forma como veem o mundo.

Foi possível identificar o protagonismo das mulheres Xakriabá no desenvolvimento de atividades para a proteção do Cerrado. Na escola indígena, as práticas desenvolvidas pelas mulheres transmitem e reforçam os costumes do povo Xakriabá e, por meio da educação, ajudam a moldar jovens e adultos conscientes da importância de se preservar e proteger o Cerrado. Na Associação, as mulheres estão à frente de diversos projetos que impactam diretamente a vida da comunidade indígena e promovem a mobilização das famílias em prol da proteção do Cerrado.

O impacto dessas ações ressoa em todo o país, uma vez que o principal foco das ações está em restaurar os corpos hídricos da região onde está localizada a TIX. Além disso, as mulheres Xakriabá estão engajadas e organizadas em seu território, motivadas em manter a cultura de seu povo e garantir que retomem as atividades de plantio para subsistência.

A autonomia adquirida pelas Xakriabá permite que as mulheres sejam vistas, cada vez mais, de igual para igual pelas figuras masculinas de sua comunidade. Ademais, ao se colocar na linha de frente das atividades do território, as mulheres incentivam umas às outras, fortalecendo cada vez mais seu movimento na comunidade. Dessa forma, cada vez mais o trabalho feminino é valorizado e enxergado como parte fundamental para a manutenção não só da cultura Xakriabá, mas também de sua economia e do bem-estar das famílias.

No entanto, ainda é necessário refletir sobre os papéis tradicionalmente desempenhados pelas mulheres e como eles se aplicam à nova dinâmica que a comunidade adquiriu a partir do acesso das mulheres tanto às universidades quanto às ocupações formais na área da educação e da saúde. Afinal, a distribuição igualitária das tarefas – domésticas, inclusive – faz parte do processo de valorização social do trabalho da mulher. A partir desta reflexão, o cuidado torna-se uma responsabilidade coletiva da comunidade indígena, não apenas das mulheres Xakriabá.

No que tange o desenvolvimento de ações e projetos para a proteção do Cerrado, ao manter os recursos naturais brasileiros, os povos indígenas desempenham um serviço à toda sociedade. Por isso, é indispensável pensar em políticas públicas que apoiem essas atividades a partir de recursos financeiros e tecnológicos que contribuam para o desenvolvimento de projetos como os da AIXARBA. Há também que se pensar em incentivos públicos voltados à valorização dos saberes tradicionais guardados pelos povos originários e que servem de guia para a ciência – a exemplo dos saberes relacionados às ervas medicinais do Cerrado.

Em contra-senso, o atual governo adota desde 2019 uma postura contrária e busca, como prometeu em campanha, ceifar a FUNAI, principal órgão público de apoio aos indígenas. A começar, o atual presidente da Fundação, Marcelo Xavier, é um delegado da Polícia Federal ligado a ruralistas. Além de não ser um profissional com entendimentos profundos da causa indigenista, Simeão é declaradamente contrário aos indígenas. O presidente da Fundação tem usado aspectos técnicos para dar uma nova roupagem jurídica às ações e decisões da FUNAI para minar os direitos dos povos Indígenas.

Essas e outras ações cujo objetivo é enfraquecer a FUNAI e, portanto, os povos indígenas, foram denunciadas em um dossiê divulgado pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), em conjunto com a Indigenistas Associados – Associação de Servidores da Funai (INA). O documento denuncia práticas que impactam diretamente na proteção dos povos indígenas, nos processos de demarcação e nos incentivos voltados ao desenvolvimento de projetos fomentados pela FUNAI nas Terras Indígenas. Ao adotar esse tipo de postura, o governo reforça sua atuação excludente e genocida, indo na contramão do que se espera de um país que busca pelo Desenvolvimento Sustentável.

Algumas limitações foram encontradas ao longo da realização desse estudo: i) a pandemia de COVID19, ii) dificuldade de contato com indígenas; iii) restrição de recursos financeiros. A primeira diz respeito ao acesso à Terra Indígena Xakriabá, pois devido à pandemia de COVID19 não era possível acessar a comunidade indígena pelo risco de contaminação. Assim, o início do contato e das entrevistas ocorreram de forma virtual, o que atrasou o estabelecimento da relação com os entrevistados. Por isso, foi necessário ajustar o cronograma para que a pesquisadora conversasse por mais tempo com os participantes, a fim de gerar uma conexão maior entre os envolvidos.

A segunda limitação está relacionada com o contato com os indígenas que ocorreu inicialmente por redes sociais. Nem sempre era possível encontrar uma abertura de alguém para participar da pesquisa, indicar algum contato ou para passar informações. Esse fato atrasou o desenvolvimento da pesquisa, pois levou-se mais tempo do que o esperado para conseguir pessoas disponíveis e que se abrissem para a participação das entrevistas. Apesar disso, ao utilizar o *Snowball sampling*, foi possível desenvolver a conexão com os entrevistados.

Por fim, com a flexibilização das medidas de segurança relacionadas à pandemia, foi possível se pensar em um contato presencial com os indígenas, no entanto, outra limitação se apresentou: a pesquisadora não possuía auxílio financeiro para a realização da pesquisa. Devido a isso, o acesso a recursos que permitissem a locomoção no interior da TIX era limitado. Dessa forma, não se foi possível se conhecer com abrangência o território indígena que é muito extenso.

Em respeito aos princípios éticos pertinentes, esta pesquisa e outros produtos derivados dela (artigos científicos, por exemplo) serão enviados ao povo Xakriabá. Me disponibilizo ainda a visitar novamente a TIX e realizar palestras ou rodas de conversas na AIXARBA e nas escolas das aldeias representadas por ela para expor os achados desta pesquisa à comunidade Xakriabá.

A pesquisa também será enviada a FUNAI, como forma de contribuição ao movimento indígena, cumprindo o meu compromisso de fazer ressoar a voz das indígenas participantes da pesquisa.

Para pesquisas futuras, sugere-se que seja feito um mapeamento de contatos de forma que seja possível entrevistar pessoas de aldeias localizadas em diversos pontos da TIX. Assim será possível entender melhor as diferenças e semelhanças entre as aldeias e se ter uma ideia mais geral do povo Xakriabá. Além disso, isso permitirá captar as nuances culturais que existem em cada parte do território.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGROECOLOGIA. In: Michaelis, Dicionário Brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=POAp>>. Acesso em: 27 de julho de 2021.

ALHO, Cleber J. R. **Importância da biodiversidade para a saúde humana: uma perspectiva ecológica**. Estudos avançados, v. 26, p. 152-158, 2012.

AMARAL, Aryanne. **Qual a importância do Cerrado para a biodiversidade global?** Disponível em: <https://cepfcerrado.iieb.org.br/qual-importancia-do-cerrado-para-biodiversidade-global/>. Acesso em: 02 dez. 2021.

ANDREOLI, Cleverson V.; ANDREOLI, Fabiana de Nadai; PICCININI, Cristiane; SANCHES, Andrea da Luz; BRITO, Izabella Andrade. **Biodiversidade: a importância da preservação ambiental para a manutenção da riqueza e equilíbrio dos ecossistemas**. Ciência, inovação e ética: tecendo redes e conexões para a sustentabilidade. 1ed. Curitiba: SENAR/PR, p. 337-, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. p. 123-133 (Obra original publicada em 1977).

BENITES, Maristela; MAMEDE, Simone B. **Mamíferos e aves como instrumentos de educação e conservação ambiental em corredores de biodiversidade do Cerrado, Brasil**. Mastozoologia neotropical, v. 15, n. 2, p. 262, 2008.

BRASIL. Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. **Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm>. Acesso em: 18 de agosto. 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Meio Ambiente – CONAMA. Resolução n.º 001, de 23 de janeiro de 1986. **Estabelece definições, as responsabilidades, os critérios básicos e as diretrizes gerais para uso e implementação da Avaliação de Impacto Ambiental como um dos instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 17 fev. 1986.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. DF: Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 18 de agosto. 2021.

BRUIL, Janneke; DELVAUX, Francois; DIOUF, Assane; HOGAN, Rose; MILGROOM, Paulo; PETERSEN, Jessica; PRADO Bruno; SERNEELS Suzy. **Agroecologia e economia feminista: Novos valores para novos tempos**. Agriculturas, [s.l], v. 14, n. 04, p. 03- 07, nov. 2020. Disponível em: < <http://aspta.org.br/files/2020/11/AGRICULTURAS-V14N4.pdf>>. Acesso em: 27 de julho 2021.

COHEN, Ronald Jay; SWERDLIK, Mark E.; STURMAN, Edward D. **Testagem e Avaliação Psicológica:- Introdução a Testes e Medidas**. AMGH Editora, 2014.

CIMI REGIONAL LESTE (ed.). 24 anos do massacre Xakriabá: História e martírio de um povo. In: **24 anos do massacre Xakriabá** : História e martírio de um povo. [S. l.], 15 fev. 2011. Disponível em: <https://cimi.org.br/2011/02/31594/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira; TREVISAN, Graziela Hochscheidt. **História de vida: limites e possibilidades de recuperar concepções de formação de professores**. In: VIII Educere—Congresso Nacional de Educação. 2008. p. 3849-3861.

CORREA XAKRIABÁ, Célia Nunes. **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria xakriabá**: reativação da memória por uma educação territorializada. 2018.

DA LUZ OLIVEIRA, Maria Luíza; DAYREL, Dayse Menezes. **Reflorestamento**. Revista Agroveterinária, Negócios e Tecnologias, v. 6, n. 2, p. 34-49, 2021.

DA SILVA, Maria Sonia Lopes; HONÓRIO, Antônio Pedro Matias; ANJOS, José Barbosa dos; PORTO, Everaldo Rocha. **Barragem subterrânea**. Embrapa Semiárido-Comunicado Técnico (INFOTECA-E), 2001.

DA SILVA SANTANA, Ana Luiza; ARAUJO, Glaucio Luciano. **Erosão Do Solo Em Uma Propriedade Rural No Município De Abre Campo (MG)**. Anais do Seminário Científico do UNIFACIG, n. 3, 2018.

DE ALBUQUERQUE, Bruno Pinto. **As relações entre o homem e a natureza e a crise sócio-ambiental**. Rio de Janeiro, RJ. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 2007.

DE OLIVEIRA-FILHO, Eduardo Cyrino; LIMA, Jorge Enoch Furquim Werneck. **Potencial de impacto da agricultura sobre os recursos hídricos na região do cerrado**. Embrapa Cerrados-Documents (INFOTECA-E), 2002.

DINIZ, Sibelle Cornélio; MAGALHÃES, Felipe Nunes Coelho; MONTE-MÓR, Roberto LM. **Economia e etnodesenvolvimento no território indígena Xakriabá, MG**. Anais do XII Seminário sobre Economia Mineira. Diamantina: CEDEPLAR, p. 1 - 4, 2006.

DOS SANTOS, Ariana; MACHADO, Tadeu Lopes. **As mulheres no movimento indígena de Oiapoque**: uma reflexão a partir da associação das mulheres indígenas em mutirão. Espaço Ameríndio, v. 13, n. 1, p. 67, 2019.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar em revista, p. 213-225, 2004.

EMBRAPA. **Marco Referencial em Agroecologia**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica. 2006. p 25-39.

ESTENDER, Antonio Carlos; PITTA, Tercia de Tasso Moreira. **O conceito do desenvolvimento sustentável**. Revista Terceiro Setor & Gestão-UNG-Ser, v. 2, n. 1, p. 22-28, 2008.

FERNANDES, Paula Arruda; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **O Cerrado e suas atividades impactantes: uma leitura sobre o garimpo, a mineração e a agricultura mecanizada.** Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia, v. 3, n. 7, p. 25-29, 2011.

FORZZA, Rafaela C.; BAUMGRATZ, José Fernando A.; BICUDO, Carlos Eduardo M.; CANHOS, Dora A. L.; CARVALHO, Anibal A.; Jr.; COELHO, Marcus A. Nadruz; COSTA, Andrea F.; COSTA, Denise P. ; HOPKINS Michael G., LEITMAN, Paula M.; LOHMANN, Lucia G.; LUGHADHA, Eimear Nic; MAIA, Leonor Costa; MARTINELLI, Gustavo; MENEZES, Mariângela; MORIM, Marli Pires; PEIXOTO, Ariane Luna; PIRANI, José R.; PRADO, Jefferson; QUEIROZ, Luciano P.; SOUZA, Sidnei; SOUZA, Vinicius Castro; STEHMANN, João R.; SYLVESTRE, Lana S.; WALTER, Bruno M. T.; ZAPPI, Daniela C. **New Brazilian floristic list highlights conservation challenges.** BioScience, v. 62, n. 1, p. 39-45, 2012.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6 ed. 2008.

GUEDES, André Dumans. **Lutas por terra e território, desterritorialização e território como forma social.** Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 18, n. 1, p. 24-26, 2016.

HAESBAERT, Rogerio. **Da desterritorialização à multiterritorialidade.** Boletim Gaúcho de Geografia, v. 29, n. 1, p. 13, 2003.

IBGE. **Indicadores de Desenvolvimento Sustentável: Brasil 2015.** Rio de Janeiro: IBGE, 2015. p. 60-81.

IBGE. **Censo demográfico 2010: características gerais dos indígenas - resultados do universo.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/95/cd_2010_indigenas_universo.pdf>. Acesso em: 04/11/2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INEP. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística de Educação Superior 2011.** Brasília: Inep, 2012. Disponível em: < <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>>. Acesso em 26 de junho de 2022.

INEP. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística de Educação Superior 2020.** Brasília: Inep, 2021. Disponível em: < <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>>. Acesso em 26 de junho de 2022.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ed.). Povo Xakriabá. *In: Povo Xakriabá.* Brasil, 25 jan. 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xakriab%C3%A1>. Acesso em: 30 jun. 2022.

JANCZ, Carla; MARQUES, Gláucia; NOBRE, Miriam; MORENO, Renata; MIRANDA, Rosana; SAORI Sheyla; FRANCO, Vivian. **Práticas feministas de transformação da economia.** Autonomia das mulheres e agroecologia no Vale do Ribeira. p. 14-46. 2018.

KLINK, Carlos A.; MACHADO, Ricardo B. **A conservação do Cerrado brasileiro.** Megadiversidade, v. 1, n. 1, p. 147-155, 2005.

LEFF, Enrique. **Agroecologia e saber ambiental.** Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável, v. 3, n. 1, p. 36, 2002.

ALVES, Cláudia Cristina; SILVA, Lima, Laíce José da; CASTRO, Welerson Santos. **Apostila de morfologia externa vegetal.** Cursos De Ciências Biológicas e Engenharia Agrônômica, Instituto de Biologia, UFU, Uberlândia, Minas Gerais, 2006.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane Cauduro. **A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa de enfermagem.** Revista gaúcha de enfermagem. Porto Alegre. Vol. 20, n. especial (1999), p. 130-142, 1999.

LIRA, Keyte Ferreira; ROSSETTO, Onélia Carmen. Territorialidade Indígena: Trajetórias Para Implantação De Uma Nova Aldeia No Parque Indígena Do Xingu (Pix)–Mato Grosso–Brasil. REVISTA NERA, v. 23, n. 54, p. 167, 2020.

LITTLE, Paul E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil:** Por uma territorialidade antropológica. Série Antropológica. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Brasília, 2002.

MAIA, Andrei Giovani; PIRES, Paulo dos Santos. **Uma compreensão da sustentabilidade por meio dos níveis de complexidade das decisões organizacionais.** RAM. Revista de Administração Mackenzie, v. 12, p. 177-206, 2011.

MAPBIOMAS, Coleção nº 6 - **Destaques do mapeamento anual de cobertura e uso da terra do bioma Cerrado entre 1985 a 2020.** Setembro de 2021. Disponível em <https://mapbiomas-br-site.s3.amazonaws.com/Fact_Sheet_2.pdf>. Acesso em 27 de outubro de 2021.

MARTÍNEZ, Luis. **La observación y el diario de campo en la definición de un tema de investigación.** Revista perfiles libertadores, v. 4, n. 80, p. 73-80, 2007.

MÁXIMO, Wellton. **Agência Brasil explica: O que são commodities.** Agência Brasil, Brasília, 31 de maio de 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-05/agencia-brasil-explica-o-que-sao-commodities>>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

MELO, Jeane Aparecida. **Valorização da flora do Cerrado com importância medicinal.** 2011.

MONTIBELLER FILHO, Gilberto. **Ecodesenvolvimento e desenvolvimento sustentável; conceitos e princípios.** Textos de economia, v. 4, n. 1, p. 131-142, 1993.

MONTIEL, Marta Soler; FERRE, Marta G. Rivera; ROCES, Irene García. **O caminho para a Agroecologia feminista.** Brasil, 4 dez. 2020. Disponível em: <https://aspta.org.br/article/o-caminho-para-a-agroecologia-feminista/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

NEVES, Eliane Pereira de Araujo; SILVA, Maria Xavier de Oliveira da. **Escola indígena Oaytomorim: relação com o território xakriabá e práticas educativas interculturais.** Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 62 p., 2020.

NOBRE, Miriam. Agroecologia e economia feminista: tecendo a sustentabilidade da vida. Revista NEADS, v. 1, n. 1, 2020.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. **O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração.** Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 12, n. 2, p. 466-485, 2017.

OLIVEIRA, Adriana Santiago. **Juventude Xakriabá Demarcando Espaços Na Universidade: Trajetória De Luta E Resistência.** Emblemas, v. 17, n. 01, 2020.

OLMOS-VEJA, Francisco M.; STALMEIJER, Renée E.; VARPIO, Lara; KAHLKE, Renate. **A practical guide to reflexivity in qualitative research:** AMEE Guide No. 149 Medical Teacher, p. 1-11, 2022.

PARKER, Charlie; SCOTT, Sam; GEDDES, Alistair. Snowball sampling. **SAGE research methods foundations**, 2019.

PAULA, Eunice Dias de. **A interculturalidade no cotidiano de uma escola indígena.** Cadernos Cedes, v. 19, p. 76-77, 1999.

PEREIRA, Wellerson Miranda. **Padrões de consumo e proteção ambiental—Ensaio de uma visão global.** Âmbito Jurídico, Rio Grande, v. 51, n. 31, p. 03, 2008.

PIMENTA, José. **Desenvolvimento sustentável e povos indígenas:** os paradoxos de um exemplo amazônico. Anuário Antropológico, v. 28, n. 1, p. 115-150, 2003.

PONTALTI, Edna Sueli. **Projeto de Educação Ambiental:** Parque Cinturão Verde de Cianorte. Cianorte, PR. Abril de 2005.

PORTAL Embrapa. **Bioma cerrado.** Brasília, [2021?]. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/contando-ciencia/bioma-cerrado>>. Acesso em: 30 de julho de 2021.

REIS, Roberta Aguiar Cerri. **Nós, os outros e os "parentes":** política e povos indígenas no contexto de implantação da hidrelétrica de Belo Monte. 2015.

RIBEIRO, Pablo Lacerda. **Erosão do solo:** causas, consequências e como evitar que aconteça. causas, consequências e como evitar que aconteça. 2019. Disponível em: <https://institutoagro.com.br/erosao-do-solo/>. Acesso em: 25 out. 2021.

SABER. In: **Dicionário Priberam.** Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/SABER>>. Acesso em: 17 de julho de 2021.

SANTOS, Rodrigo Martins dos.; ELOY, Ludivine. **Etno-história na oralidade xakriabá: retomando o rio São Francisco em Minas Gerais, Brasil.** In: Anais do II Congresso Ibero-Americano de Arqueologia, Etnologia e Etno-história. Dourados: UFGD. 2012.

SANTOS, Eduardo Vieira dos.; MARTINS, Renato Adriano; FERREIRA, Idelvone Mendes. **O processo de ocupação do bioma cerrado e a degradação do subsistema vereda no sudeste de Goiás**. SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA, v. 13, p. 1-20, 2009.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. **Agroecologia: conceitos**. São Paulo, [2021?]. Disponível em: <<https://www.cdrs.sp.gov.br/portal/produtos-e-servicos/publicacoes/acervo-tecnico/agroecologia-conceitos>>. Acesso em 12 de Agosto de 2021.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos**. Qualitas Revista Eletrônica, v. 16, n. 1, 2015.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2 – A pesquisa Científica In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de Pesquisa**, 1. p. 33-44. 2009.

SOARES, Beatriz Souza et al. **A importância do rapport na mediação de disputas conjugais homoafetivas: a escuta inclusiva e o reestabelecimento da comunicação verbal e não verbal na construção do consenso livre de (pre) conceitos**. Semana de Pesquisa e Extensão da Universidade Tiradentes-SEMPESq-SEMEX, n. 19, 2017.

TERA AMBIENTAL. **Entenda os três pilares da sustentabilidade**. 2021. Disponível em: <https://www.teraambiental.com.br/blog-da-tera-ambiental/entenda-os-tres-pilares-da-sustentabilidade>. Acesso em: 17 out. 2021.

XAKRIABÁ. Povos indígenas do Brasil (Enciclopédia Povos Indígenas dno Brasil). Janeiro de 2006. Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xakriab%C3%A1>> Acesso em 20 out. 2021.

WWF-BRASIL. **Bioma Cerrado**. 2019. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/informacoes/biblioteca/publicacoes_cerrado/?74962/Bioma-Cerrado>. Acesso em 26 de agosto de 2021.

ZANZARINI, Ronaldo Milani; ROSOLEN, Vânia. **Mata ciliar e nascente no cerrado brasileiro—análise e recuperação ambiental**. Araguari/Minas Gerais, 2007.

10 ANEXOS

10.1 ANEXO I: ROTEIRO DE ENTREVISTA

PESQUISA: PRÁTICAS COTIDIANAS DAS MULHERES INDÍGENAS XAKRIABÁ E SUA ATUAÇÃO NA PROTEÇÃO DO CERRADO

1. Me conte um pouco da sua história? Quem é você, de onde vem e pra onde está indo?
2. Quais atividades do cotidiano do povo xakriabá você participa?
3. Como essas atividades contribuem direta ou indiretamente para a proteção do Cerrado?
4. Como é a participação de outras mulheres nessas atividades?
 - a. Elas estão presentes em número expressivo?
 - b. Elas estão à frente em alguma dessas atividades?
5. Qual a sua percepção com relação a esse papel desempenhado pela mulher?
6. Algumas vezes, a forma como enxergamos o mundo, não é a mesma que a nossa comunidade enxerga. Com respeito ao papel das mulheres, mencionado na pergunta anterior, você acredita que a sua visão é alinhada com a visão do seu povo, de maneira geral? Você acha que isso tem mudado ao longo dos anos?
7. E com relação às mulheres, você acha que elas se percebem enquanto protagonistas na proteção do cerrado?
8. Como você concilia as atividades que desenvolve atualmente e os outros aspectos da vida cotidiana (família, estudos, trabalho...)?
9. Como você enxerga que a sua participação nessas atividades impacta sua vida e seu desenvolvimento pessoal?

10.2 ANEXO II: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada (o) _____, você está sendo convidada (o) a participar da pesquisa intitulada: PRÁTICAS COTIDIANAS DAS MULHERES INDÍGENAS XAKRIABÁ E SUA ATUAÇÃO NA PROTEÇÃO DO CERRADO. Este convite se justifica por você ser membro da comunidade e por acreditarmos que pode contribuir muito para o alcance dos objetivos do estudo. O objetivo principal é compreender como as mulheres indígenas Xakriabá atuam na proteção do Cerrado por meio de suas práticas cotidianas. Para tanto, devemos nos certificar de que você seja membro da comunidade (seja residente e faça parte da comunidade) e que tenha mais que 18 anos de idade.

Meu nome é Júlia Íris Silva de Faria, sou a pesquisadora responsável pela pesquisa e aluna do curso de Engenharia Ambiental e Sanitária no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG. Para realizar a pesquisa seguiremos as seguintes fases: 1. Realização de entrevistas online e presenciais para a coleta de informações sobre o cotidiano das mulheres Xakriabá; 2. Visita de campo; 3. Coleta de informações por meio de diário de campo e registros fotográficos; 4. Análise das entrevistas e documentos. Sua contribuição consiste em responder questões referentes a sua vida e a vida na comunidade indígena, perpassando pelos seguintes pontos: 1. História de vida pessoal (origens, família, trabalho); 2. Práticas cotidianas (atividades desenvolvidas no território); 3. Práticas das mulheres indígenas. Caso queira, poderá contribuir também com outros artefatos como fotos, cartas, diários, ou o que achar relevante para contar seu ponto de vista. Os mesmos não serão reproduzidos na dissertação, sem sua autorização expressa em termo específico a ser assinado.

Os locais e horários das entrevistas serão combinados previamente com você e você poderá se manifestar sobre dúvidas e desconfortos sempre que sentir necessidade. Ressalto que você não terá nenhum custo com a pesquisa, bem como também não receberá nenhum retorno financeiro pela sua participação. Entretanto, caso tenha algum prejuízo em decorrência da participação na pesquisa, a pesquisadora se responsabiliza em recompensá-la (o).

Os riscos decorrentes da sua participação na pesquisa estão especificados a seguir:

1. Cansaço e desconforto: esse é um risco de grau mínimo, que será minimizado por meio de uma negociação para que as reuniões sejam feitas no melhor dia e horário, respeitando o tempo máximo de duração de 2hs.

2. Possibilidade de constrangimento ao responder alguma questão: risco de grau mínimo, que será minimizado pela possibilidade de que você não responda questões que não queira, bem como possa desistir da participação, sem prejuízo algum.

3. Estresse causado pelo uso da modalidade de videoconferência ou possível desconforto por dificuldades em lidar com a tecnologia utilizada: esse também é um risco de grau mínimo, que será reduzido a partir da escolha de uma plataforma para videoconferências estável, uso de internet cabeada pela pesquisadora para melhor conexão. Caso problemas técnicos permaneçam as reuniões podem ser remarçadas.

4. Quebra de sigilo e de anonimato, devido a possibilidade de extravio ou exposição indevida da gravação da videoconferência: esses são riscos de grau máximo, em relação aos quais a pesquisadora tomará as providências cabíveis, como restrição de acesso ao conteúdo apenas à pesquisadora e orientadoras, cuidados com o armazenamento seguro do material. Assim que finalizadas as transcrições e análises, o material audiovisual será entregue integralmente aos membros participantes, como um dos produtos da história de vida coletada.

Em relação aos benefícios da sua participação, esses referem-se à possibilidade de rememorar fatos importantes, rever e reorganizar acontecimentos, podendo vir a ocorrer reflexões que enriquecerão a sua percepção. Para a comunidade de um modo geral, os benefícios consistem no resgate e registro da memória coletiva, algo fundamental para a preservação das tradições e cultura do povo indígena.

Lembro a você que como participante de uma pesquisa, e de acordo com a legislação brasileira, você é portadora de diversos direitos, além do anonimato, da confidencialidade, do sigilo e da privacidade, mesmo após o término ou interrupção da pesquisa. Assim, lhe é garantido:

- A observância das práticas determinadas pela legislação aplicável, incluindo as Resoluções 466 (e, em especial, seu item IV.3) e 510 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam a ética em pesquisa e este Termo;
- A plena liberdade para decidir sobre sua participação sem prejuízo ou represália alguma, de qualquer natureza;
- A plena liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo ou represália alguma, de qualquer natureza. Nesse caso, os dados colhidos de sua participação até o momento da retirada do consentimento serão descartados a menos que você autorize explicitamente o contrário;

- O acompanhamento e assistência, mesmo que posteriores ao encerramento ou interrupção da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, sempre que requerido e relacionado a sua participação na pesquisa, mediante solicitação ao pesquisador responsável;
- O acesso aos resultados da pesquisa;
- O acesso a este Termo.

Este documento é rubricado e assinado por você e pelo pesquisador, em duas vias, sendo que uma via será de sua propriedade. Em caso de perda, poderá ainda solicitar uma cópia do documento ao pesquisador responsável. Em caso de dúvidas, as pesquisadoras responsáveis colocam-se à disposição pelos contatos:

Pesquisadora: Júlia Íris Silva de Faria – sf.juliais@gmail.com

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães - ludmilavmg@gmail.com

Se preferir, ou em caso de reclamação ou denúncia de descumprimento de qualquer aspecto ético relacionado à pesquisa, você poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), vinculado à CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), comissões colegiadas, que têm a atribuição legal de defender os direitos e interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir com o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos. Você poderá acessar a página do CEP, disponível em: <http://www.cep.cefetmg.br> ou contatá-lo pelo endereço: Av. Amazonas, n. 5855 - Campus VI. E-mail: cep@cefetmg.br e telefone: +55 (31) 3379-3004.

Se após a leitura atenta deste termo optar por participar da pesquisa, peço-lhe que rubrique todas as páginas, identifique-se e assine a declaração a seguir, que também deve ser rubricada e assinada pelo pesquisador.

ASSINATURA DO PARTICIPANTE

10.3 ANEXO III: ESQUEMA DE CATEGORIZAÇÃO

Categorias Iniciais		Categorias Intermediárias	Categorias Finais
1	Entendimento da importância da proteção do Cerrado para a manutenção da vida	I) Entendimento de Desenvolvimento Sustentável	Importância da preservação do Cerrado
2	A utilização dos recursos do Cerrado para desenvolvimento econômico da comunidade		
3	Entendimento da água como recurso importante para a preservação da vida	II) Relação cultural com o Cerrado	
4	Utilização dos recursos do Cerrado para manutenção da cultura		
5	Associação como espaço de ações de melhoria para a comunidade e para o território	III) Associação como espaço de ações para a proteção do Cerrado	Práticas cotidianas de proteção do Cerrado
6	Atividades que promovem a recuperação de recursos naturais		
7	Conscientização dos alunos com relação à importância do Cerrado	IV) Educação como forma de proteção do cerrado	
8	Envolvimento da escola nos projetos da associação		
9	Eventos que trazem as mulheres a se envolverem com os projetos de proteção do Cerrado	V) Mulheres atuantes e engajadas nas atividades agroecológicas	Atividades Agroecológicas Feministas
10	Entendimento do Cerrado como uma extensão de si/de suas casas		
11	A participação das mulheres em demais atividades da comunidade	VI) O impacto das práticas cotidianas das mulheres no Cerrado	

FONTE – A Autora (2022)